

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS



ALEXIA GONÇALVES POKORSKI

**TRADUÇÃO – SUBSTANTIVO FEMININO: PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO DE TERMOS ESSENCIAIS DA TRADUÇÃO FEMINISTA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

PORTO ALEGRE

2022

ALEXIA GONÇALVES POKORSKI

**TRADUÇÃO – SUBSTANTIVO FEMININO: PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO DE TERMOS ESSENCIAIS DA TRADUÇÃO FEMINISTA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradutor Português e Espanhol.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cleci Regina Bevilacqua

Coorientadora: Dr<sup>ª</sup>. Marina Leivas Waquil

PORTO ALEGRE

2022

#### CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Alexia Pokorski  
TRADUÇÃO - SUBSTANTIVO FEMININO: PROJETO PILOTO DE  
GLOSSÁRIO DE TERMOS ESSENCIAIS DA TRADUÇÃO FEMINISTA  
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO / Alexia Pokorski Gonçalves.  
-- 2022.  
63 f.  
Orientadora: Cleci Regina Bevilacqua.

Coorientadora: Marina Leivas Waquil.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e  
Espanhol, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Tradução. 2. Tradução Feminista. 3.  
Terminologia. 4. Terminografia. 5. Linguística de  
Corpus. I. Bevilacqua, Cleci Regina, orient. II.  
Waquil, Marina Leivas, coorient. III. Título.

ALEXIA GONÇALVES POKORSKI

**TRADUÇÃO – SUBSTANTIVO FEMININO: PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO DE TERMOS ESSENCIAIS DA TRADUÇÃO FEMINISTA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradutor Português e Espanhol.

Porto Alegre, 10 de outubro de 2022.

Resultado: Aprovado com conceito A e recomendado para publicação.

BANCA EXAMINADORA:



---

Prof<sup>a</sup>. Me. Manuela Arcos Machado (IFRS/UFRGS)



---

Bel<sup>a</sup>. Me. Mauren Thiemy Ito Cereser (UFRGS)

*Às mulheres tradutoras, principalmente as feministas, inspiração para este trabalho e para  
minha prática de tradução.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por Ser e me permitir Ser e Estar, para usar dois dos verbos mais importantes de qualquer língua humana.

Agradeço aos meus pais, Patricia e Beto, pelo dom da vida e por me incentivarem a estudar durante toda a minha formação e darem todo o apoio necessário para isso. Obrigada, mãe, por me explicar pela primeira vez, quando eu tinha uns oito anos de idade, o que era a UFRGS e me incentivar quando eu respondi ainda pequena “eu vou estudar lá!”. Obrigada, pai, por me levar ao campus no meu primeiro dia de aula e por tantas outras vezes que acordou mais cedo para me levar para o Vale.

Agradeço à minha dinda, minha segunda mãe, Catia, por sempre comprar meus materiais escolares quando eu era pequena e estar do meu lado em todos os momentos, bons e ruins. Às minhas tias, Marcia, Adriana, Luciana e Laura, por serem as “mulheres da minha vida”, que me inspiram e me cuidam tanto até hoje. Muito obrigada.

Aos meus avós, Clelia e Gilnei, por me acolherem com amor e serem os avós mais carinhosos do mundo. Aos meus irmãos, Henrique, Julia e Miguel, que são a razão da minha vida.

À minha segunda família, Luis, Rosana, Evelin e Nik, por me acolherem com tanto amor como filha e cunhada e estarem comigo todos os dias no final dessa caminhada da graduação com tanta paciência e carinho.

Ao meu amor, Aline, por lutar comigo todos os dias para que esse TCC fosse realidade e para que o sonho da formatura se realize. Agradeço pela paciência nas ausências e chatices e por todo o amor que só tu sabe me dar nas pequenas e grandes coisas. Quero estar do teu lado todos os dias e te fazer feliz como tu me faz feliz.

Às minhas amigas e amigos, que me fizeram rir e por acreditarem em mim quando nem eu mesma acreditei. Quero agradecer em especial as amigas que a Letras me proporcionou: Joana, minha eterna dupla da faculdade. Tainara, meu amorzinho da Licenciatura. Clarice, parceira para todas as horas. Stéphanie, minha segunda dupla da faculdade e minha parceira de Tradução Feminista e de tantas outras coisas. “Chiques” da tradução, Iago, Ana e Cláudia, pelas trocas e aprendizados em tradução do espanhol. Julia Bizarro, Julia Gomes, Luísa, Everton, Thomas (ou seria Dimas?), Luiz e Bruna: obrigada pela amizade desde os primeiros dias de aula. Eu amo vocês.

Às minhas professoras e professores de toda a vida, mas especialmente da graduação, pela educação de qualidade, com luta e com afeto. Em especial à Natalia e à Liliam, mulheres inspiradoras.

Agradeço à profe Cleci, por ser para mim igual a música do Legião: “uma menina me ensinou quase tudo que eu sei...”. Obrigada, profe, por me ensinar quase tudo que eu sei sobre Tradução e sobre Terminologia e por ser muito mais do que uma professora, por ser uma companheira e por se preocupar comigo em todos os sentidos, sempre.

Agradeço à minha coorientadora, Marina, pelas primeiras aulas sobre Tradução Feminista que tive na vida e por ser uma inspiração para mim. Obrigada pelos ensinamentos e por topar me ajudar nesse processo do TCC com tanto carinho e paciência sempre. Espero que nossos caminhos se cruzem mais vezes.

Agradeço à UFRGS pela educação plural, gratuita e de qualidade. Que mais pessoas tenham acesso a essa oportunidade com mais cotas, mais auxílios e menos cortes e ataques à Educação. Agradeço ao CNPq por conceder a minha bolsa de Iniciação Científica sem a qual eu não conseguiria ter estudado sobre terminologia. Agradeço ao grupo Termisul por tanto aprendizado e por me acolher novamente como colaboradora: será uma honra e uma alegria.

## RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é identificar e registrar alguns termos relacionados à Tradução Feminista em português brasileiro. Atualmente, há uma grande produção de textos sobre a Tradução Feminista originada pela necessidade e pelo interesse social acerca dessa temática. No entanto, constata-se a carência de produtos terminográficos que compilem os termos da área, que ainda está se consolidando em nosso país. Por essa razão, queremos, com esta pesquisa, organizar e disponibilizar um projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista em português brasileiro extraídos de um *corpus* de artigos científicos. A fundamentação teórica se baseia nos Estudos de Tradução, especificamente na Tradução Feminista, na Terminologia e Terminografia e na Linguística de Corpus. A metodologia prevê a construção de um *corpus* e a identificação e a extração de termos com o uso de ferramentas da Linguística de Corpus, neste caso, o programa AntConc. A partir dos procedimentos metodológicos, foi possível identificar 122 termos e propor uma ficha terminológica para cada um deles com os seguintes campos: termo de entrada, contexto extraído do *corpus* e sua fonte, ver também (termos hiponímicos do termo de entrada), outras formas (siglas e formas variantes) e notas. Com tais resultados, esperamos poder contribuir para a difusão da Tradução Feminista a um público cada vez mais amplo e ao aprofundamento dos estudos na área no Brasil.

**Palavras-chave:** Tradução; Tradução Feminista; Terminologia; Glossário; Linguística de Corpus.



## RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación es identificar y registrar algunos términos relacionados a la Traducción Feminista en portugués brasileño. Actualmente, hay una gran producción de textos sobre la Traducción Feminista originada por la creciente necesidad y por el interés social acerca de esa temática. Sin embargo, se ha constatado la carencia de productos terminográficos que compilen los términos del área, que aún se consolida en nuestro país. Por esa razón queremos, con esta investigación, organizar y disponibilizar un proyecto piloto de glosario de términos esenciales de la Traducción Feminista en portugués brasileño extraídos de un *corpus* de artículos científicos. El marco teórico se fundamenta en la Traductología, específicamente en la Traducción Feminista, en la Terminología y en la Terminografía, y en la Lingüística de Corpus. La metodología prevé la construcción de *corpus* y la identificación y la extracción de términos con el uso de herramientas de la Lingüística de Corpus, en este caso, el programa AntConc. A partir de los procedimientos metodológicos, fue posible identificar 122 términos y proponer una ficha terminológica con los siguientes campos para cada uno: término de entrada, contexto extraído del *corpus* y su fuente, ver también (términos hiponímicos del término de entrada), otras formas (siglas y formas variantes) y notas. Con dichos resultados, esperamos poder contribuir para la difusión de la Traducción Feminista a un público cada vez más amplio y a la profundización de los estudios en el área en Brasil.

**Palabras clave:** Traducción; Traducción Feminista; Terminología; Glosario; Lingüística de Corpus.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>15</b>
2.1 TRADUÇÃO FEMINISTA.....	15
2.2 TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA .....	21
2.3 LINGUÍSTICA DE CORPUS .....	27
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
3.1 DECISÕES PRÉVIAS E CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	30
3.2 CATALOGAÇÃO E LIMPEZA DO <i>CORPUS</i> .....	33
3.3 ANÁLISE QUANTITATIVA: CONFIGURAÇÕES E EXTRAÇÕES DO ANTCONC .....	33
3.4 ANÁLISE QUALITATIVA: SELEÇÃO DOS TERMOS E CONTEXTOS .....	38
3.4.1 <i>Tradução coletiva entre mulheres</i> .....	40
3.4.2 <i>Tradução e gênero</i> .....	40
3.4.3 <i>Feminino visível na linguagem</i> .....	40
3.5 ANÁLISE ESPECÍFICA DE ALGUNS CANDIDATOS A TERMO .....	41
<b>4 PROPOSTA DE GLOSSÁRIO E ANÁLISE DE ALGUNS TERMOS .....</b>	<b>47</b>
4.1 CONSTRUÇÃO DO PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO .....	47
4.2 COMENTÁRIOS SOBRE ALGUNS TERMOS .....	53
4.2.1 <i>Mulheres de cor</i> .....	53
4.2.2 <i>Gênero</i> .....	54
4.2.3 <i>Tradutoras feministas canadenses</i> .....	56
4.2.4 <i>Estudos feministas de tradução</i> .....	56
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>64</b>
APÊNDICE A – Catálogo do <i>Corpus T</i> .....	64
APÊNDICE B – PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO DE TERMOS ESSENCIAIS DA TRADUÇÃO FEMINISTA.....	66

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de inspirações e necessidades. Inspirações na Tradução Feminista, que conheci do meio para o final da graduação, e na Terminologia, área que venho me dedicando a estudar há alguns anos como bolsista de Iniciação Científica no projeto Terminológico Cone Sul (TERMISUL). Necessidades porque, ao verter um artigo da professora e pesquisadora Beatriz Cagnolati sobre Tradução Feminista<sup>1</sup> do espanhol para o português em um exercício de tradução coletiva em uma das aulas de Versão do Espanhol III, percebemos que não havia materiais sobre a terminologia da área no Brasil, apesar de haver consideráveis estudos sobre o tema.

Outra necessidade e motivação para esse trabalho e esta pesquisa foi o aumento exponencial da violência contra a mulher durante a pandemia de Covid-19 (WAQUIL, 2020), que todas/os as/os brasileiras/os puderam acompanhar de alguma forma. Ao mesmo tempo, sofremos com a presença de um presidente da República abertamente misógino e machista e com a violência simbólica de seus apoiadores. Concordamos plenamente com Luciana Fonseca, Liliam Silva e Dennys Silva-Reis quando afirmam que

Hoje, no Brasil, ocorre um recrudescimento do autoritarismo por parte do governo Bolsonaro, com políticas discriminatórias explícitas de gênero, raça e classe. Tendo o atual governo adotado uma política negacionista em relação à pandemia de Covid-19, ele se exime de tomar medidas para proteger a população, combater desigualdades, garantir acesso à saúde, combater o aumento dos índices de violência (étnica, doméstica, policial...). Promove, assim, uma verdadeira política da morte em que diversos corpos e sujeitos se encontram ameaçados: mulheres, negros, pobres, indígenas, quilombolas, idosos, crianças [...]. (FONSECA; SILVA; SILVA-REIS, 2020, p.222)

Por outro lado, percebemos que as resistências contra esse (des)governo da morte e do negacionismo, muito similar a outros governos em outros países do mundo, continuam presentes na luta contra essas opressões e desigualdades sem fim. Uma dessas formas de resistência, os feminismos, convocam a todas as pessoas, e não somente as mulheres, a idealizar uma vida mais justa para todas e todos, independentemente de suas identidades de gênero, sexuais, de sua raça, cor, entre outros (CASTRO; SPOTURNO, 2022).

---

<sup>1</sup> CAGNOLATI, Beatriz. Traductología: Exploración de un enfoque feminista de la traducción. III Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género, 25 a 27 de setembro de 2013, La Plata, Argentina. Desde Cecilia Grierson hasta los debates actuales. Memoria Académica. Disponível em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.3437/ev.3437.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3437/ev.3437.pdf). Acesso em: 09 ago. 2021.

Segundo Olga Castro e María Laura Spoturno, as ideias, teorias e práticas feministas contribuem com todas as áreas do saber, inclusive, claro, a Tradução. De acordo com elas,

As teorias feministas são retomadas em um número crescente de reflexões analíticas e propostas de intervenção sobre o fenômeno da tradução, as quais, vistas em seu conjunto, nos permitem falar dos estudos feministas como uma área dentro dos estudos da tradução. Contudo, os enfoques feministas sobre a tradução não permaneceram invariáveis, mas foram se transformando em diálogo com distintas formulações das teorias feministas para dar resposta a novas e diferentes materializações do patriarcado e outros sistemas de opressão ao longo do tempo, assim como a suas distintas manifestações em diversos contextos discursivo-linguísticos, geopolíticos e socioculturais. Não existe, portanto, uma definição nem uma práxis dos estudos feministas da tradução que seja única nem universal que abarque todos os seus possíveis objetos de estudo em nosso planeta plurilíngue, no qual os intercâmbios linguísticos, culturais, sociais, políticos e econômicos produzem-se através da tradução há séculos. (CASTRO; SPOTURNO, 2022, p. 3).

Percebemos, por essa citação, que a Tradução Feminista é um campo de estudos inter e transdisciplinar<sup>2</sup>, (relativamente) recente, com um potencial relevante para a ciência e para a humanidade, de forma mais geral. Laura Battistam, Liliam Marins e Aline Kiminami complementam essas afirmações quando dizem que

Embora estejamos vivendo um retorno evidente ao conservadorismo em diversas instâncias da vida social, o qual tem estimulado inúmeras violências no nível simbólico e físico, a resistência ainda pode ser exercitada pela linguagem e pela formação de grandes redes de apoio que desafiam aqueles que desejam um reestabelecimento do lema positivista “ordem e progresso”. (BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p.13)

Entendemos que a tradução, como produto social com grande poder discursivo, é uma das maneiras de resistir por meio da linguagem e das palavras, já que, como afirma Kanavillil Rajagopalan: “é na própria linguagem e não através dela, e, muito menos, apesar dela, que os importantes rumos da nossa história são tomados” (2007, p. 1 *apud* BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p. 7).

Dessa forma,

[...] a tradução deixa de ser um meio de consumir o conhecimento do outro hegemônico, de sua cultura e de sua ideologia, para entrar em contato com as lutas, as vivências e as

<sup>2</sup> Por questões terminológicas, achamos interessante definir os conceitos de *multi-*, *inter-* e *transdisciplinaridade*, ainda que esses não sejam termos-chave da presente pesquisa. Segundo Ítalo Silva e Otávio Tavares, a multidisciplinaridade visa integrar diferentes conteúdos dentro de uma mesma disciplina, sem relação com as demais disciplinas, que estão somente justapostas. A interdisciplinaridade prevê integração e troca entre os saberes de diferentes disciplinas. Por último, a transdisciplinaridade propõe que não existam fronteiras entre as disciplinas, que todos os conhecimentos sejam integrados e relacionados entre si (SILVA; TAVARES, 2005). Portanto, são conceitos que se complementam, mas que têm diferenças entre si.

subjetividades de outras mulheres que ficaram, em seus contextos, também à margem, como as escritoras negras, lésbicas, latino-americanas, mas que não deixaram de registrar de alguma forma sua busca por emancipação e visibilidade. (BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p.14)

É importante, todavia, reiterar o que postula Olga Castro (2017) quando afirma que essa solidariedade feminista não existe por conta de “laços de solidariedade universais” preexistentes e livres de problematizações como classe social, raça etc., ou ainda “pelo fato de que sejam mulheres (constituindo uma atitude paternalista), mas porque suas obras são relevantes, embora essa relevância permaneça oculta por não se adequar aos critérios estipulados pelo cânone patriarcal” (CASTRO, 2017, p. 229).

Sendo assim, as inspirações e necessidades de que falamos no início desta introdução nos levaram a idealizar um projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista em português brasileiro a fim de contribuir com a luta feminista no país e de, por meio de uma primeira tentativa de organização de sua terminologia, contribuir para a solidificação da Tradução Feminista no Brasil (BEVILACQUA, 2016). Maria da Graça Krieger complementa esse ideal ao afirmar que

A peculiaridade das terminologias, circunscrevendo conceituações nos mais diferentes campos do conhecimento científico e tecnológico, evidencia seu papel na constituição e transmissão dos saberes humanos. A essa funcionalidade primeira soma-se a importância social e política, e mesmo estratégica, da organização e divulgação das terminologias para os contextos de integração [...]. (KRIEGER, 1998, p. 29)

Esses contextos de integração dos quais fala Krieger podem ser os grupos de estudiosas/os sobre a Tradução Feminista, por exemplo. A função de nosso projeto piloto de glossário é, então, organizar e dar a conhecer a terminologia da área, que está em crescimento no Brasil (FONSECA; SILVA; SILVA-REIS, 2020) para que suas/seus possíveis usuárias/os – estudiosas/os da área, tradutoras/es, revisoras/es, estudantes de tradução ou de Letras em geral, entre outros – possam entrar em contato com as ideias feministas sobre a tradução através da sua terminologia. Quem sabe, assim, possamos inspirar mais interesses, pesquisas e trabalhos sobre o tema no Brasil, neste momento social, político e cultural carente de justiça e de esperança.

Para dar conta do objetivo principal proposto, construir um projeto piloto de glossário, organizamos este Trabalho de Conclusão de Curso em quatro capítulos, além da presente introdução. No capítulo dois, trazemos alguns aspectos teóricos relativos à Tradução Feminista, à Terminologia e Terminografia e à Linguística de Corpus, que sustentam nosso trabalho e

nosso fazer. O capítulo três apresenta os objetivos específicos e os aspectos metodológicos seguidos para cumpri-los, quais sejam: a) construir o *corpus* de estudo a partir do qual coletamos os termos segundo a Linguística de Corpus; b) identificar e selecionar os termos a partir dos critérios da Terminologia; e c) definir e explicar a microestrutura do nosso projeto piloto de glossário a partir da Terminografia. No capítulo quatro, mostramos os resultados a que chegamos e comentamos alguns aspectos que consideramos interessantes sobre alguns dos termos coletados. Finalmente, apresentamos nossas considerações finais. No apêndice B, nosso projeto piloto de glossário está apresentado na íntegra.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, trazemos alguns aspectos teóricos que sustentam e constituem a base teórica de nossa pesquisa. Iniciamos com os aspectos relativos à Tradução Feminista, depois revisamos alguns aspectos teórico-metodológicos da Terminologia e da Terminografia, e, por último, aspectos relativos à Linguística de Corpus.

### 2.1 TRADUÇÃO FEMINISTA

Desde o primeiro contato com outras pessoas que falavam diferentes línguas, a humanidade viu diante de si o problema e a maravilha da tradução. Essa prática, tão antiga quanto as línguas humanas, é objeto de estudos e de fascinação há muitos séculos, mas foi só a partir da segunda metade do século XX, nos anos 1980, que começou a ser sistematizada como disciplina e área de conhecimento especializada. Nos primeiros momentos, a tradução era entendida unicamente como uma transposição linguística que poderia ser feita palavra por palavra e sem nenhuma intervenção do tradutor ou tradutora. Atualmente, sabe-se que ela é muito mais do que isso, e os Estudos de Tradução se dividem em muitas subáreas, como estudos “puros” – teóricos e descritivos – e aplicados – ensino e crítica de tradução, por exemplo (HOLMES, 1988 *apud* HURTADO ALBIR, 2008, p. 138).

Com o avanço dos Estudos de Tradução e áreas afins, entre metade dos anos 1980 e início dos anos 1990, em um movimento conhecido como virada cultural, “a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes” (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 37 *apud* CAGNOLATI, 2022, p. 36). Grosso modo, as/os estudiosas/os da época começaram a discutir a tradução em sua relação com posições ideológicas, não mais a considerá-la simplesmente como uma operação de transferência linguística neutra entre duas línguas. Em outras palavras, Castro e Spoturno explicam que

[...] a abertura temática deve ser vista em relação à virada cultural dos estudos da tradução (Bassnett e Lefevere), a qual propõe deixar de estudar unicamente a tradução como prática interlinguística para considerar os aspectos culturais, ideológicos e políticos que a rodeiam e que afetam a reescrita de um texto e sua recepção em distintos contextos. (CASTRO; SPOTURNO, 2022, p. 19)

À vista disso, os mais modernos conceitos de tradução a entendem como uma

[...] operação translinguística, transmedial e transcultural, na medida em que se reconhece seu potencial para transformar tanto as línguas, os textos, meios e agentes que entram em contato através de sua prática. Certamente, o caráter transformador e dialógico da tradução, prática hermenêutica por excelência, alcança a construção das subjetividades e dos discursos que esta põe em relação, e repercute nos modos em que esses discursos circulam e são recebidos. (CASTRO; SPOTURNO, 2022, p. 28)

Sendo assim, entende-se que a tradução não está alheia aos sujeitos e às situações sociais (culturais, políticas, econômicas e ideológicas, por exemplo) de seu contexto, tendo capacidade para reforçar ou desestabilizar as “relações hegemônicas de poder que foram herdadas, replicadas e legitimadas por anos” (BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p. 4).

De forma complementar, Battistam, Marins e Kiminami (2021, p. 8) afirmam que

As traduções em geral são um terreno frutífero para a circulação e criação de novas epistemologias ou novos sentidos que reafirmam ou destroem a ideologia dominante. Os/as tradutores/as, então, passam a ter um papel fundamental quando os/as compreendemos como agentes produtores/as de discursos. Nesse sentido, Collins (2019) entende os/as tradutores/as como figuras importantes dentro das fronteiras linguísticas e culturais que organizam e mediam as relações de poder.

Ainda segundo as autoras, a tradução pode catalisar novos conhecimentos e práxis políticas, e as/os tradutoras/es são agentes ativos no processo de construção de sentidos e de divulgação de informações. Portanto, as escolhas de quem traduz – o que, quem e como traduzir – pautam-se em relações discursivas e de poder e revelam suas posições e visões de mundo (BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021). Aprofundando-se ainda mais nesse sentido, Castro (2017, p. 221) postula que

[...] os feminismos constataram que o fato de não subscrever de forma consciente uma ideologia particular em tradução implica aderir de forma inconsciente à ideologia dominante (patriarcal), aquela que possuem todas as sociedades, e que é dominante tanto em sentido numérico quanto porque apoia os interesses da classe dominante, o que a obriga a disfarçar-se e operar no nível do inconsciente (ALTHUSSER, 1975). Por esse motivo, apresenta-se ante ao tradutor ou à tradutora como “normal”, “natural” e incontestável, atingindo assim seu propósito de dominação simbólica (BORDIEU, 1998) que converte as e os tradutores/as “inconscientes” em ingênuos veículos de transmissão e legitimação do discurso dominante, com o prejulgamento agregado de que a ideologia é mais eficiente quando não se manifesta explicitamente como tal.

Por alinharem-se a esse pensamento e ideologia, há diversas perspectivas tradutórias consideradas ativistas e subversivas por posicionarem-se contra as opressões e desigualdades impostas pelas ideologias dominantes. Por exemplo, traduções antirracistas ou alinhadas aos interesses e lutas da comunidade LGBTQIA+. Patricia Hill Collins explica que “tradutores/as



progressistas frequentemente usam seu lugar social como mediadores/as de poder para construir espaços subversivos e transgressivos entre pessoas que compartilham interesses e línguas diferentes” (COLLINS, 2019 *apud* BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p. 9).

Por essas razões, a tradução, os feminismos e os Estudos de Gênero também são áreas que se interrelacionam e entrelaçam, já que a Tradução Feminista é outra prática de tradução ativista possível, que, no seu caso específico, favorece a ideologia subversiva do feminismo, e não a ideologia dominante, patriarcal. Isso posto, a Tradução Feminista é uma área de estudos dentro dos Estudos de Tradução originada a partir do encontro de seus objetos de estudo com os feminismos e os Estudos de Gênero. Por isso, é um campo interdisciplinar e transdisciplinar que coloca em diálogo questões tradutórias diversas sob a perspectiva do gênero e dos feminismos. Nesse sentido, Battistam, Marins e Kiminami (2021, p. 9) explicam que

Foi durante os anos 70, no contexto das teorias pós-coloniais, pós-modernas, pós-estruturalistas e do grande interesse dos estudos culturais que houve o encontro da perspectiva feminista com os Estudos da Tradução. Quando os feminismos e a tradução se aproximaram, já haviam sido superados (pelo menos em níveis teóricos) os debates acerca da fidelidade e equivalência, e “perguntavam-se sobre questões que remetiam aos problemas culturais e ideológicos” (Barboza & Castro, 2017, p. 221). Durante os anos 80, as tradutoras feministas compreendiam que não se posicionar conscientemente em uma ideologia particular de tradução implicaria uma submissão às ideologias dominantes vigentes (neste caso exemplificado, a patriarcal).

Sobre essa intersecção, Beatriz Cagnolati explica que os Estudos de Tradução e os Estudos de Gênero são

[...] dois campos de conhecimento que reconhecem uma influência multi e interdisciplinar, uma vez que, por um lado, se nutrem de abordagens diversas — linguísticas, textuais, discursivas, comunicativas, semióticas, pragmáticas, culturais — e, por outro lado, tomam noções de outras disciplinas, resignificando-as discursivamente, além de criarem seus próprios conceitos. (CAGNOLATI, 2022, p.35)

Ainda sobre o início da Tradução Feminista, segundo Marina Waquil (2020) e como indicado anteriormente, embora não seja possível definir precisamente quando se iniciou a perspectiva feminista em relação à tradução, considera-se como marco fundamental, entre as/os teóricas/os da área, o surgimento da escola canadense nos anos 1970/1980, período em que ocorreu um movimento político e cultural importante que resultou no desenvolvimento de teorias desconstrutivistas e pós-estruturalistas.

Complementamos essas afirmações com os argumentos de Pâmela Berton Costa e Lauro Maia Amorim, que postulam que

É comum, quando o tema da tradução feminista é abordado, referir-se somente às tradutoras canadenses dos anos 1980, normalmente citadas como as primeiras tradutoras feministas. Apesar de ser vista até hoje como paradigma, essa prática canadense [...] não é a única e nem a primeira das reflexões feitas por mulheres tradutoras – muitas das quais começaram a ser resgatadas principalmente nos últimos cinquenta anos. Ainda que não se enquadrem na ideia contemporânea de feministas, há registros de textos que datam de várias décadas e até vários séculos atrás escritos por tradutoras que já refletiam sobre a condição de subalternidade tanto do sexo feminino, quanto da tradução, ou ainda que subvertiam e contestavam textos machistas. (COSTA; AMORIM, 2019, p. 1231)

Destacamos, portanto, que embora reconheçamos a impossibilidade de pontuar a gênese exata da Tradução Feminista, partimos da ideia, apoiada pelas autoras aqui mencionadas, de que o trabalho das tradutoras feministas canadenses tem um caráter pioneiro na organização e na sistematização da reflexão teórica sobre a área. Esse trabalho, contudo, deve ser visto como resultado de uma contingência bastante específica. Sobre esse aspecto, Castro explica que

No contexto das teorias pós- (pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo) dos anos 70, e de um renovado interesse pelos estudos culturais, realiza-se um encontro entre os feminismos e os Estudos da Tradução (ET) que enriquece ambas as disciplinas. Uma das materializações dessa intersecção está no nascimento da escola de tradução feminista canadense. Sua contribuição aos ET foi - e é - tal que, apesar das críticas e posteriores redefinições da tradução feminista, ainda é frequente que as correntes dominantes de tradução concebam a proposta canadense como paradigma de tradução feminista e, por extensão, da interação entre feminismos e tradução. (CASTRO, 2017, p. 218)

Essas tradutoras canadenses – como, por exemplo, Barbara Godard, Marlene Wildeman, Susanne de Lotbinière-Harwood, Luise von Flotow – passaram a questionar a linguagem padrão, considerada patriarcal e misógina, e a produzir traduções experimentais e ativistas a partir de uma *écriture (au) féminin* (escritura/escrita no feminino) com o objetivo de tornar o feminino visível na linguagem e, assim, visibilizar também o papel do/a tradutor/a (CASTRO, 2017; WAQUIL, 2020). Portanto, a Tradução Feminista canadense “consiste numa corrente de trabalho e pensamento que defende a incorporação da ideologia feminista à tradução pela necessidade de articular novas vias de expressão para dismantelar a carga patriarcal da linguagem e da sociedade” (CASTRO, 2017, p. 222).

Luise Von Flotow (1997 *apud* WAQUIL, 2020) explica que as reflexões e as experiências das tradutoras canadenses deram início a mudanças significativas no universo da tradução tanto em termos teóricos quanto práticos. No primeiro, destaca-se a mudança de perspectiva sobre a noção de fidelidade, intervenção e papel do/a tradutor/a. No segundo, quem traduz ganha mais espaço e visibilidade em notas de rodapé ou paratextos a fim de explicar suas decisões e estratégias tradutórias. Desse modo,

[...] a perspectiva feminista colabora não só para a valorização da tradutora e do tradutor enquanto leitores e profissionais ativos, agentes e criativos, mas para tirar a tradução de um lugar de mera decodificação/recodificação, chamando a atenção para a miríade de dificuldades e complexidades envolvidas na atividade (WAQUIL, 2020, p. 6).

Tendo reconhecido a importância e o legado das tradutoras feministas canadenses, podemos afirmar que, felizmente e desde então, a Tradução Feminista se expandiu e modificou, abraçando as críticas feitas a ela por diversas/os autoras/es. Como explica Waquil (2020, p. 7),

[...] embora a proposta canadense tenha sido, e ainda seja, fundamental como o paradigma de interação entre feminismos e tradução, já há circunstâncias, ferramentas e perspectivas para ampliar esse ponto de encontro entre ambas as disciplinas que explorem e apresentem formas variadas de traduzir e de refletir sobre a tradução a partir de uma visão que inclui, respeita e considera questões, das mais variadas, referentes às mulheres. [...] os enfoques feministas sobre a tradução também se transformaram a partir do diálogo com as variadas formulações das teorias feministas para se adequar ao contexto, continuamente modificável. Assim, segundo Castro e Spoturno (2020), com a virada do milênio, o interesse pela temática se renova e a tradutologia feminista reexamina e amplia seus horizontes, fazendo uma releitura crítica de algumas das categorias formuladas nos anos 1980 e 1990, problematizando-as e reelaborando-as em novas teorizações sobre gênero e tradução.

Nessa visão, a Tradução Feminista é um terreno fértil para construção e desconstrução de relações entre traduções e mulheres em diversos sentidos já que, conforme explica Waquil (2020), apoiando-se nas perspectivas e apontamentos de Lori Chamberlain (1988) e Olga Castro (2017),

Não é difícil estabelecer paralelos entre as mulheres e a tradução. Em um texto fundamental na perspectiva feminista da tradução, Lori Chamberlain (1988) revisa a história para mostrar que são muitas as metáforas criadas e elaboradas sobre a tradução e que relacionam às mulheres, sexualizadas, estabelecendo relações de poder que inferiorizam ambas: traduções e mulheres. Para Castro (2017), há relações muito claras: mulheres e tradução representam elementos periféricos em relação a um centro — as mulheres em relação aos homens; a tradução em relação ao original —, situam-se à margem de um discurso dominante e têm a noção de diferença como condição *sine qua non* para a sua existência. Ao mesmo tempo, destaca a autora, representam espaços produtivos, frutíferos e inquietantes de interação e de resistência para a subversão de línguas e culturas dominantes. (WAQUIL, 2020, p. 4, grifos da autora)

De acordo com Amparo Hurtado Albir (2008, p. 627-629), “[...] os temas centrais dos Estudos de Gênero nos Estudos de Tradução são, entre outros, a crítica à terminologia e às concepções sexistas da tradução, a revisão de traduções de textos escritos por mulheres, a análise de traços sexistas nas traduções ou a crítica às metáforas sexuais e sexistas”. De forma complementar, Luise Von Flotow, em um artigo publicado originalmente em 2013 mas traduzido para o português recentemente, elenca vários tipos de pesquisas teóricas e/ou práticas

que envolvem tradução e feminismos. Por exemplo, a historiografia da tradução centrada nas visões de mulheres tradutoras sobre seu fazer, o resgate de autoras não valorizadas ou não traduzidas em seu tempo, a crítica feminista de traduções, entre outras temáticas (FLOTOW, 2022). Dessa forma, a Tradução Feminista torna-se ainda mais diversa e polifônica na busca por alcançar e contemplar cada vez mais mulheres, demandas e pautas, ainda que seu eixo central siga sendo uma posição ética e política em relação às mulheres em contextos de tradução (WAQUIL, 2020).

Paralelamente, Castro e Spoturno destacam a necessidade de expandir ainda mais as temáticas e abordagens e incluir outras questões, por exemplo, relacionadas à tradução de línguas de sinais, interpretação, textos científicos, técnicos e até às traduções audiovisuais e de jogos (CASTRO; SPOTURNO, 2022, p. 32). De todas as formas, as traduções ditas feministas serão engajadas por constatarem e defenderem sua responsabilidade social como instrumentos que questionam a ideologia patriarcal dominante nociva para mulheres, homens e pessoas não-binárias e, em última instância, mas não menos importante, como meios de estabelecer alianças transfronteiriças (CASTRO; SPOTURNO, 2022).

Segundo Cibele Araújo *et al.* (2019, p. 3 *apud* WAQUIL, 2020, p. 7), “[...] a tradução é fundamental na construção e circulação de pensamentos e epistemologias feministas, antirracistas e decoloniais, em um mundo no qual prevalece, nos mais diversos campos do conhecimento, uma hegemonia branco-europeia, patriarcal, cisgênera e (neo)colonialista”. De forma complementar, Battistam, Marins e Kiminami (2021, p. 10) afirmam que

[...] o papel do/a tradutor/a que se posiciona politicamente por meio de suas traduções não se limita efetivamente apenas nas estratégias do processo de tradução *per se*, como *supplementing*, *footnoting* e *hijacking*, elencadas por Flotow (1991), mas permeia também seu posicionamento quanto à escolha das textualidades a serem traduzidas e, dessa maneira, questiona-se: Quem escreveu o texto? Qual é o assunto? Para qual língua será traduzido? Como será feita a distribuição da tradução? A quem beneficia a circulação de tal texto? A relevância de tornar o processo deliberativo dos/as tradutores/as em um processo político torna-o (auto)reflexivo e possibilita questionamentos que extrapolam a visão limitante da transposição de sentido de uma língua para outra – abordagem esta que foca apenas no processo –, visto que a tradução envolve aspectos históricos, culturais, sociais, ideológicos e econômicos. (grifos das autoras)

Todas essas importantes reflexões não estão centradas somente no Norte global, visto que “os contornos dos Estudos da Tradução Feminista se ampliaram para a América Latina e outras geografias. As interlocuções têm sido profícuas graças, sobretudo, aos avanços do pensamento feminista e aos movimentos impulsionados pelo ativismo das mulheres” (CYPRIANO, 2013 *apud* FONSECA; SILVA; SILVA-REIS, 2020, p. 210). Tal fato contribuiu

e contribui, entre outras coisas, “para que a Tradução Feminista não se tornasse uma prática essencialista de tradução, ‘baseada numa cultura feminina distintiva que apaga as diferenças entre as próprias mulheres’ (Barboza & Castro, 2017, p. 224) e as colocam como um bloco monolítico, universal e estável de opressão” (BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p. 10).

Entretanto, segundo Fonseca, Silva e Silva-Reis (2020, p. 223),

Apesar de intensa, a tradução feminista latino-americana ainda é comparativamente pouco vislumbrada, especialmente em termos teóricos. Todavia, a escrita dessa tradutologia feminista está tomando corpo, crescendo a seu tempo, a cada novo avanço reflexivo sobre o tema e em conjunto com pesquisadoras motivadas e interessadas em pensar o gênero, em especial a categoria não monolítica da mulher latino-americana, e sua relação com o patriarcado, com o capitalismo e com variáveis como raça e classe.

De acordo com Paulo Amorim (2019 *apud* BATTISTAM; MARINS; KIMINAMI, 2021, p. 12), o recente interesse pela Tradução Feminista por pesquisadoras/es brasileiras/os renova a esperança de que essa área de estudos se solidifique no Brasil e que nosso país se converta em um importante polo de produção no campo. Nesse sentido, justificamos mais uma vez nosso objetivo de contribuir com a sistematização da área por meio da identificação e descrição de sua terminologia.

## 2.2 TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

O principal objeto de estudo da Terminologia são os termos técnico-científicos, que veiculam os conceitos e saberes das diversas áreas de conhecimento sobre as quais a humanidade se debruça (KRIEGER, 2005). As/os terminólogas/os identificam, analisam e descrevem os termos de campos especializados, sendo que o conjunto desses termos também é chamado de terminologia (grafado com ‘t’ minúsculo) (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Entendemos que um termo é um signo linguístico que adquire conteúdo especializado quando usado por determinada comunidade de saber. Por exemplo: *coração* é um signo que utilizamos em nosso dia a dia com diferentes significados, mas quando utilizado por médicas/os cardiologistas em sua área de atuação, adquire um significado especializado de “músculo constituído por 4 cavidades (duas aurículas e dois ventrículos) localizado na caixa torácica, atrás do esterno e ligeiramente virada para a esquerda e que tem como função impulsionar e deste modo distribuir, para todas as partes do corpo, o sangue que foi oxigenado nos pulmões, e levá-lo de volta aos pulmões para voltar a ser oxigenado”, segundo a Fundação Portuguesa de

Cardiologia (ATLAS DA SAÚDE, 2022). Logo, os termos têm natureza designativo-denominativa (KRIEGER; FINATTO, 2004) e são elementos da linguagem natural, tendo seu caráter especializado ativado de acordo com a situação e o contexto em que estão sendo utilizados (KRIEGER, 2001; CABRÉ, 1999).

Dado que a Terminologia precisa considerar os diferentes aspectos implicados nas comunicações especializadas (linguísticos, semióticos, cognitivos e comunicativos), é um campo multi e interdisciplinar. Contudo, ao buscar repertoriar os termos das diferentes áreas do saber, é também transdisciplinar, isto é, conforma-se pela conjunção de saberes de diferentes âmbitos (CABRÉ, 1999; KRIEGER; FINATTO, 2004). Este é o caso do Direito Ambiental, por exemplo, cuja terminologia se constitui de termos da área do Direito, da Ecologia, da Botânica, entre outras áreas. Assim, para identificar os termos de uma área, é preciso conhecer sua constituição para entender como se conforma sua terminologia.

De acordo com Krieger (2001, p.74), há dois tipos de termo em textos especializados, as unidades lexicais simples (*papel, energia*) e as sintagmáticas ou complexas (*papel ácido, papel alcalino, energia renovável, energia não-renovável*). Entretanto, há vários estudos que comprovam a predominância de termos complexos, por exemplo, o de Marlise Borges (1998, p. 136), que afirma que os termos são, em sua maioria, constituídos de Nome + Adjetivo, como *papel ácido* e *energia renovável*, ou de Nome + Preposição + Nome, como *absorvedor de oxigênio* e *banho de limpeza*. Tais características são levadas em consideração na identificação e análise de candidatos a termo no que se refere a seu aspecto linguístico, embora também sejam considerados os aspectos cognitivos e pragmáticos na identificação da terminologia de uma área do saber (KRIEGER, 2005).

Além dos termos de categoria nominal como os referidos acima, os termos também podem ser: a) verbos (*galvanizar, calafetar*); b) adjetivos (*alcalino/a, ácido/a*); e c) advérbios (*ambientalmente, juridicamente*) (BEVILACQUA; KILIAN, no prelo). Eles ainda podem estar representados por siglas (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE*) ou acrônimos (*Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO*). Segundo Cleci Bevilacqua e Cristiane Kilian, “podem ainda conter variação (*conservação ambiental e conservação do meio ambiente*), sinonímia (*washi* e *papel japonês*) e neologia (*deltacron*)” (BEVILACQUA; KILIAN, no prelo).

Outros critérios que podem ser seguidos para definir que uma unidade lexical assume valor de termo são, conforme Bevilacqua (2016):

- a) não estar definida em dicionários de língua geral;

- b) estar definida nos textos em que é utilizada;
- c) possuir um significado específico para a área especializada ou função pragmática no texto em que ocorre.

Depois de identificar a terminologia de uma área, podem ser construídos produtos como dicionários ou glossários com tais termos para registrá-los. Para isso, recorre-se à face aplicada da Terminologia: a Terminografia. Neste trabalho, considerando nosso propósito, interessa-nos definir glossário, que entendemos como um “repertório terminológico de uma área sem pretensão de exaustividade, ou seja, contém um número de entradas menor, podendo oferecer informações gramaticais (gênero e número), definição e equivalentes” (BEVILACQUA; KILIAN, no prelo). Tais produções devem levar em consideração os parâmetros teórico-metodológicos da Terminologia, porque, segundo Krieger (2005, p. 2),

Embora a Terminologia possua uma dupla face - teórica e aplicada - observamos que, mesmo sob o viés das aplicações, essa área é sempre um estudo sobre termos. Isto porque o objetivo aplicado requer que sejam observados e dimensionados os fundamentos teóricos e metodológicos necessários à identificação das terminologias e a consequente determinação daqueles termos que devem integrar a nomenclatura de uma obra de referência especializada.

Sobre sua função, um glossário de termos de uma área especializada auxilia na comunicação entre as/os próprias/os especialistas da área, mas também para que suas/seus aprendizes conheçam sua terminologia e os conceitos que ela veicula. Eles podem auxiliar ainda tradutoras/es, redatoras/es e revisoras/es de textos especializados. Como comentamos na introdução deste trabalho, esses produtos também são extremamente importantes para organizar e dar a conhecer a terminologia de uma área, especialmente se esta ainda está em desenvolvimento (BEVILACQUA, 2016, p. 72), como é o caso da Tradução Feminista, pois a terminologia “é também elemento constitutivo da produção do saber” (KRIEGER, 2001, p. 211).

De acordo com Bevilacqua (2016, p. 70), não é possível começar a produzir um produto terminográfico sem conhecer previamente a área de conhecimento que se pretende investigar. Se for o caso, é necessário fazer um levantamento prévio sobre a temática para conhecer quais são as palavras-chave e os conceitos que podem configurar-se como termos da área. Depois, é necessário seguir uma série de fases metodológicas, conforme explica a autora:

São diversas as fases metodológicas que devem ser cumpridas quando se trabalha na investigação sistemática em terminologia, ou seja, quando se elabora um produto

terminográfico, seja em papel, seja em formato eletrônico. Essas etapas podem dividir-se em seis grupos: decisões prévias; constituição do *corpus* a partir do qual se extraem os termos; definição da macroestrutura (seleção dos termos); estabelecimento da microestrutura da obra, ou seja, dos campos da ficha terminológica e da forma como é apresentada na obra; elaboração das partes textuais introdutórias e finais da obra; e publicação da obra (BEVILACQUA, 2016, p.70, tradução nossa<sup>3</sup>).

Utilizar ou constituir um *corpus* representativo da área é fundamental, pois as teorias mais recentes em Terminologia consideram que “[...] os textos são o *habitat* do termo e é a partir deles que se identificam os termos” de uma área do saber (BEVILACQUA, 2016, p. 70, tradução nossa<sup>4</sup>). Como afirmamos anteriormente, o valor especializado de um termo só é ativado em situações comunicativas específicas produzidas por especialistas em determinada área do conhecimento. Essas situações comunicativas podem ocorrer por meio da língua falada ou escrita, em diferentes gêneros textuais. Nesses gêneros, além dos termos, poderão ser encontrados seus contextos de uso, que são, segundo Francis Henrik Aubert (2001, p. 31), “o veículo dos traços semânticos característicos que permitem associar termo e conceito em uma situação precisa”. Ainda segundo o autor,

[...] a abordagem básica a conduzir a pesquisa terminológica temática consistirá na identificação não apenas das designações mas de contextos de ocorrência destas designações que proporcionem pistas para a sua delimitação nocional. A intervenção do terminólogo resume-se a esta identificação e o registro dos contextos que avaliar como adequados para tal propósito. Na realidade da maioria das fontes, os contextos de ocorrência dos termos podem ser repartidos em três categorias: (a) contexto associativo; (b) contexto explicativo; (c) contexto definitório. (AUBERT, 2001, p. 68)

O autor explica ainda cada tipo de contexto, como podemos ver a seguir:

O contexto associativo apresenta o termo como pertinente ao tema objeto da pesquisa, mas não indica os traços conceptuais específicos destes termos [...]. Já os contextos explicativos apresentam alguns traços conceptuais pertinentes específicos do termo sob observação, freqüentemente relativos à materialidade, finalidade, funcionamento, e similares. [...] Talvez mais desejáveis, mas certamente menos encontrados, os contextos definitórios proporcionam um conjunto completo dos traços conceptuais distintivos do termo. (AUBERT, 2001, p. 69)

Krieger complementa as afirmações de Aubert:

<sup>3</sup> No original: “Son diversas las fases metodológicas que deben cumplirse cuando se trabaja en la investigación sistemática en terminología, es decir, cuando se elabora un producto terminográfico, sea en papel, sea en formato electrónico. Esas etapas pueden dividirse en seis grupos: decisiones previas; constitución del corpus a partir del que se extraen los términos; definición de la macroestructura (selección de los términos); establecimiento de la microestructura de la obra, es decir, de los campos de la ficha terminológica y de la forma cómo se presenta en la obra; elaboración de las partes textuales introductorias y finales de la obra; y publicación de la obra”.

<sup>4</sup> No original: “los textos son el hábitat del término y es a partir de ellos que se identifican los términos”.



Na realidade, o reconhecimento terminológico é diretamente dependente dos contextos de ocorrência do termo, compreendidos como cenários comunicativos, como postulam as teorias terminológicas de caráter lingüístico-comunicativo, a exemplo da Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1999). Segundo essa teoria, e outras que se alinham nos mesmos princípios, o termo é uma unidade lexical poliédrica – cognitiva, lingüística, comunicativa – que integra, de modo intrínseco, as comunicações especializadas com todas as implicações daí decorrentes. Nessa perspectiva, os termos comportam variação denominativa, bem como conceitual, além de sinonímia (KRIEGER, 2005, p. 3).

Os contextos de um termo podem ser utilizados para compor sua ficha terminológica/terminográfica, que é, grosso modo, uma ficha para registrar os principais dados sobre o termo. Segundo Bevilacqua, Sales e Silva (no prelo), cada ficha representa a estrutura interna dos verbetes, ou seja, a microestrutura do produto terminográfico. Suas “informações podem ser gramaticais (categoria, gênero e número), semânticas (definição, remissivas, pois podem remeter a formas sinônimas ou variantes denominativas) e pragmáticas (contextos de uso, notas)”. De acordo com Bevilacqua (2016, p. 79), essa estrutura deve ser pensada de modo a satisfazer a/o usuária/o ideal do produto terminográfico e suas funções. A autora sugere como possíveis campos de fichas terminológicas (BEVILACQUA, 2016, p. 79-80, tradução nossa<sup>5</sup>):

- a) termo de entrada;
- b) fonte do termo;
- c) categoria gramatical;
- d) gênero;
- e) área ou subárea temática;
- f) definição;
- g) fonte da definição;
- h) contexto;
- i) fonte do contexto;
- j) sinônimos;
- k) notas de uso.

Bevilacqua ainda mostra em seu artigo um exemplo de ficha da base de Combinatórias Léxicas Especializadas da Linguagem Legal, criada pelo grupo Termisul. Nessa ficha, há os campos “ver também” e “outras formas”, definidos da seguinte forma:

---

<sup>5</sup> No original: “término de entrada; fuente del término; categoría gramatical; género; área o subárea temática; definición; fuente de la definición; contexto; fuente del contexto; [...], sinónimos, notas de uso”.

- *outras formas*: se refere ao nome deverbal ou à inserção de outros elementos no interior da combinatória;
- *ver também*: inclui as formas sinônimas e funciona como *link* que remete à ficha completa do sinônimo. (BEVILACQUA, 2016, p. 85, tradução nossa<sup>6</sup>, grifos da autora).

Essas formas sinônimas são consideradas a rede de remissivas dos termos, que estabelece, segundo Krieger, Maciel e Bevilacqua (2001, p. 252-253),

a) as relações semânticas que o termo de entrada mantém com outros termos do domínio repertoriado e, por vezes, com o de outros domínios ou subdomínios afins; b) o uso específico dos termos no interior do universo em que está inserido. [...] O cruzamento de informações, segundo critérios estabelecidos, ao possibilitar uma consulta rápida e orientada, favorece um conhecimento mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais detalhado sobre as dimensões semânticas e funcionais do termo. [...] Ao mesmo tempo, a informação das correlações semânticas em sistema de referências cruzadas oferece também ao usuário a oportunidade de encontrar a definição de um conceito, sem conhecer previamente o termo específico, ou, então, de, a partir do termo conhecido, encontrar outros mais adequados às suas necessidades.

No caso específico de nosso glossário, as remissivas indicadas pelos campos “ver também” e “outras formas” irão fornecer à/ao usuária/o, respectivamente, informações sobre termos hipônimos e hiperônimos e variação denominativa (KILIAN, 2007).

Conforme exposto anteriormente, a terminologia de uma área pode conter variação (KRIEGER, 2005). Segundo Kilian (2007), existem dois tipos de variação em terminologia: a variação denominativa e a variação conceitual. Na primeira, há alterações na denominação ou na forma para referir-se a um mesmo conceito, por exemplo, na área de conservação e restauração de bens em papel: *papel japonês* ou *washi* (GONÇALVES; BARRAGAN; CARPI NEJAR, 2021), que são o mesmo tipo de papel. Na segunda, há alterações no significado mas a denominação é a mesma, por exemplo: *água* como agente de deterioração de bens em papel e *água* como um material utilizado em técnicas de conservação e restauração de papel (GONÇALVES; BARRAGAN; CARPI NEJAR, 2021).

Além dos aspectos anteriores, conforme explica Aubert (2001, p. 31), “a definição não constitui a parte essencial, exceto na medida em que a situação registrada contenha a definição. Fundamenta-se esta ficha sobre um contexto, cujos traços semânticos permitam depreender a relação significado (conceito)/significante (designação)”. Dessa maneira, consideramos que, por ser um projeto piloto de glossário e parte de um estudo inicial sobre a terminologia da área,

---

<sup>6</sup> No original: “*outras formas* –se refiere al nombre de verbal o a la inserción de otros elementos en el interior de la combinatoria–, *ver también* –incluye las formas sinónimas y funciona como enlace que remite a la ficha completa del sinónimo” (grifos da autora).

não apresentaremos definições dos termos em nossas fichas terminográficas, apenas seus contextos de uso retirados do *corpus*. Além disso, nossa ficha conterá os campos: entrada, ver também, outras formas e notas.

Resumidamente, todas as contribuições das autoras e autores citadas/os anteriormente orientaram a construção de nosso projeto piloto de glossário bem como a construção do nosso *corpus* de estudo, do qual trataremos mais detalhadamente a seguir.

### 2.3 LINGÜÍSTICA DE CORPUS

De acordo com Tony Berber Sardinha, um dos pioneiros na Linguística de Corpus no Brasil,

A Lingüística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. (BERBER SARDINHA, 2000, p. 325)

Conforme explica Anna Maria Becker Maciel (2006), a Terminologia é uma das diversas áreas do conhecimento que utiliza a Linguística de Corpus, seus conceitos teóricos e suas estratégias metodológicas. A razão para isso já foi explicada na seção anterior, mas será retomada brevemente aqui: os textos (orais ou escritos) produzidos pelas/os especialistas de uma área são onde os termos podem ser encontrados e identificados. O conjunto desses textos é o que chamamos de *corpus*, ou seja, “um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa lingüística” (SINCLAIR, 1991, p. 171 *apud* BERBER SARDINHA, 2000, p. 336).

Segundo Berber Sardinha (2000), há diversos tipos de *corpus*. Entre eles, o *corpus* especializado, que contém textos específicos (em geral gêneros ou registros definidos); o *corpus* de estudo, que é o *corpus* que se pretende analisar; e o *corpus* de referência, usado para contrastar os dados coletados no *corpus* de estudo e que deve ter de três a cinco vezes o seu tamanho (TAGNIN, 2011). Os textos de qualquer *corpus* devem ser coletados criteriosamente a fim de garantir que os dados extraídos de tal material sejam confiáveis (BERBER SARDINHA, 2001; BEVILACQUA, 2016).

De forma complementar, as autoras Sandra Maria Aluísio e Gladis Maria de Barcellos Almeida (2006, p. 157) afirmam que um *corpus* deve ter ao menos quatro características fundamentais: a) amostragem suficiente para ser representativo do que se deseja analisar no

estudo; b) tamanho finito; c) formato eletrônico; e d) referência padrão, pois “existe um entendimento tácito de que um *corpus* constitui uma referência padrão para a variedade de língua que ele representa, pressupondo que o *corpus* esteja disponível para outros pesquisadores, em outras palavras, é o que se tem chamado de reuso do *corpus*”.

Essas mesmas autoras, com base em suas experiências em Linguística de Corpus, sugerem que algumas etapas metodológicas sejam seguidas para construir um *corpus*: 1) elaboração do projeto do *corpus*, que inclui a seleção dos textos e os cuidados com os critérios apresentados anteriormente; é a etapa em que se define o quê buscar; 2) compilação dos textos, que inclui também sua conversão para formato compatível com programas de análise linguística (em geral para .txt), limpeza, nomeação e catalogação dos arquivos, e solicitação de permissão de uso, quando for o caso de textos que não são de acesso livre, e 3) anotação <sup>7</sup>(ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006).

Segundo Silva e Arcos (no prelo), alguns passos para coletar textos são: buscar as palavras-chave da área temática com a qual se pretende trabalhar e selecionar os textos provenientes de fontes confiáveis (universidades, instituições públicas, centros de pesquisa etc.) e de diferentes gêneros (textos acadêmicos, de periódicos científicos etc.). Bevilacqua complementa que “é fundamental identificar as características comunicativas dos textos (emissor, receptor, nível de especialização, temática etc.), já que são elas que ativam o valor especializado dos termos” (2016, p. 70, tradução nossa<sup>8</sup>). Por isso, antes de selecionar um texto, é importante verificar se seu/sua autor/a (emissor/a), se seu nível de especialização (artigo, tese, entrevista etc.) e, claro, se sua temática se encaixa no projeto do *corpus*. Algumas autoras e alguns autores, incluindo Aluísio e Almeida (2006), postulam que os textos devem ser escritos por falantes nativos, exceto quando o objetivo é conformar um *corpus* de aprendizes de determinada língua. Entretanto, já existem contestações a essa recomendação baseadas nos conceitos recentes de tradução, que a consideram um texto produzido por falante nativo no mesmo nível do que o texto fonte escrito em língua estrangeira. Esse é o caso deste trabalho, conforme explicaremos mais adiante.

Para a catalogação dos textos, pode-se estabelecer códigos para que os textos possam ser facilmente identificados. Esse código pode conter letras correspondentes ao *corpus* e à língua e números para identificar cada um dos textos. Por exemplo, no projeto terminológico

---

<sup>7</sup> A anotação de um corpus pode ser morfossintática, semântica e/ou pragmática ou ainda significar que foi incluído nos textos um cabeçalho explicativo sobre suas principais características (autor, local e ano de publicação etc.). Essa etapa não é imprescindível em trabalhos de Linguística de Corpus.

<sup>8</sup> No original: “[...] es fundamental identificar las características comunicativas de los textos (emisor, receptor, nivel de especialización, temática, etc.), puesto que son ellas las que activan el valor especializado de los términos”.

sobre Conservação e Restauração de Bens em Papel do Grupo Termisul, utilizou-se o código ptPP001, que indica que o texto é escrito em português do Brasil (pt), do Projeto Papel (PP) e o primeiro texto catalogado (001) (BEVILACQUA; ARCOS, 2021). Além do código, registram-se no catálogo informações referentes ao autor, título do texto, ano de publicação, gênero textual e *link* de onde o texto foi retirado (BEVILACQUA; ARCOS, 2021).

Depois da etapa de catalogação, é necessário limpar os textos, o que significa excluir imagens, tabelas e demais elementos que não podem ser lidos como “palavras” pelo computador. Também se retiram informações que não fazem parte do conteúdo que se pretende analisar, como sumário, agradecimentos, referências bibliográficas e notas de rodapé (ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006).

Para a compilação do nosso *corpus* relativo à Tradução Feminista, seguimos os critérios e etapas revisados acima. Também buscamos um *corpus* de referência do Lácio-Ref, organizado a partir do Projeto Lácio-Web da USP, conforme descrevemos na metodologia, para extrair as palavras prototípicas do nosso *corpus* que poderiam ser candidatas a termo.

Voltamos a citar Berber Sardinha para complementar que as pesquisas em Linguística de Corpus, ainda que sejam extremamente diversas, possuem como base a pesquisa empírica, ou seja, com dados reais de uso da língua, e, portanto, descritiva dos fatos da língua analisados com o auxílio de programas de análise linguística em computadores (BERBER SARDINHA, 2000). Esses instrumentos auxiliam as/os pesquisadoras/es a analisar um grande número de textos de forma quantitativa, apontando para o número de ocorrências/frequência de determinadas palavras no *corpus*, por exemplo. O programa utilizado para realizar este trabalho foi o AntConc, “um conjunto de ferramentas gratuito de análise de *corpus* para concordância e análise de texto” (ANTHONY, 2022 [?], tradução nossa<sup>9</sup>), disponível em várias versões para *download* em seu *site* oficial<sup>10</sup>. Bevilacqua *et al.* (2013) afirmam que o uso dessas ferramentas, no entanto, não exclui o trabalho manual e a análise humana, já que, conforme visto na seção anterior, a identificação de termos em trabalhos terminológicos é extremamente complexa, o que requer a aplicação de outros critérios (entre eles, os temáticos e pragmáticos) para a seleção dos termos utilizados em determinada área.

---

<sup>9</sup> No original: “A freeware corpus analysis toolkit for concordancing and text analysis”.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

### 3 METODOLOGIA

Conforme comentado nas seções anteriores, produzir um instrumento terminográfico é uma tarefa que exige o seguimento de princípios teóricos e metodológicos e a análise de um conjunto de elementos (KRIEGER, 2005). Sendo assim, para alcançar o objetivo principal desta pesquisa, a construção de um projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista, foi necessário cumprir uma série de procedimentos metodológicos da Linguística de Corpus, da Terminologia e da Terminografia. Esses procedimentos foram divididos em fases, conforme indica Bevilacqua (2016).

Em primeiro lugar, foi preciso construir um *corpus* representativo desta área de especialidade, pois são os textos de suas/seus especialistas que abrigam e revelam os termos da área (BEVILACQUA, 2016), como é o caso também da Tradução Feminista. Depois de construir o *corpus*, catalogá-lo e limpá-lo, também foi preciso configurar o AntConc para realizar as testagens e extrações de maneira adequada e poder coletar os dados que o programa oferece. Tendo em mãos as análises quantitativas do AntConc, realizamos uma análise qualitativa a partir da avaliação dos contextos dos termos encontrados no *corpus*, o que possibilitou a seleção dos termos que conformam a macroestrutura de nosso glossário. A seguir, explicaremos em detalhe cada um desses passos bem como os embasamentos teóricos que os guiaram.

#### 3.1 DECISÕES PRÉVIAS E CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Como não foi possível encontrar um *corpus* já compilado e disponível sobre Tradução Feminista, foi preciso compilar um novo a partir dos estágios necessários para construir um *corpus* segundo Aluísio e Almeida (2006). Desse modo, seguimos as etapas de definição da temática para seleção, catalogação e limpeza dos textos. Não fizemos nenhum tipo de anotação do *corpus*, terceira etapa indicada pelas autoras, pois não consideramos que era necessário para a presente pesquisa. Porém, elaboramos um catálogo com as informações relativas aos textos que constituem o *corpus*, disponível na íntegra no Apêndice A.

Como explicamos no capítulo anterior, não é possível começar a produzir um produto terminográfico sem conhecer previamente a área de conhecimento que se pretende estudar (BEVILACQUA, 2016). Com base em nossos conhecimentos prévios sobre a Tradução Feminista, decidimos qual seria o projeto de *corpus*, ou seja, quais textos seriam selecionados

para representar a área e, conseqüentemente, compor o *corpus* de estudo. Optamos por compilar artigos acadêmicos sobre Tradução Feminista por acreditar que esses textos seriam representativos da terminologia usada na área, já que a discussão sobre essa temática no Brasil parece estar ainda restrita às universidades e a alguns grupos de tradutoras e estudiosas feministas, que fazem uso desse gênero (FONSECA; SILVA; SILVA-REIS, 2020), e porque, como na maioria das áreas científicas, artigos são comumente utilizados na veiculação do conhecimento especializado. Acrescenta-se a isso o fato de que se trata de uma área em construção e, por isso, reflexões de maior fôlego, como dissertações e teses, ainda parecem estar em elaboração e, por isso, são mais raras. Por último, somou-se a essa decisão o fato de estarmos construindo um TCC, trabalho de menor extensão.

Para encontrar e coletar esses textos, seguimos a metodologia apresentada no capítulo anterior (BEVILACQUA, 2016; ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006). Assim, selecionamos algumas palavras-chave relacionadas à Tradução Feminista para realizar buscas em plataformas de textos acadêmicos que consideramos como fontes confiáveis: o Portal de Periódicos da CAPES<sup>11</sup>, o Scielo<sup>12</sup> e o Google Acadêmico<sup>13</sup>. Essas palavras-chave foram: tradução feminista, tradução e feminismo, tradução e mulheres, e tradução e gênero.

Entre essas buscas, foram encontrados outros gêneros textuais como dissertações, teses, resenhas e entrevistas sobre o tema. Para não escapar ao projeto de *corpus* que havíamos construído, esses textos não foram selecionados, mas foram guardados para pesquisas futuras de nossa autoria. Textos em outras línguas que não o português brasileiro também foram ignorados nas buscas. Depois de avaliar esses dois critérios (gênero e língua), levamos em consideração o que postula Bevilacqua (2016) sobre o nível de especialização do texto e do/a autor/a e o delineamento da temática do texto encaixarem-se também dentro do projeto de *corpus* decidido previamente. Quando um artigo se encaixava em nosso projeto de *corpus* em todas essas categorias, era coletado. É importante salientar também que coletamos apenas artigos que estavam disponíveis *on-line* e de forma gratuita para facilitar o acesso aos textos e sua conversão posterior para uso no AntConc.

Quando um texto era coletado, seguíamos a estratégia chamada de “efeito bola de neve”, que consiste em analisar também as referências do texto selecionado para coletá-las, caso estivessem disponíveis *on-line* e se encaixassem nos padrões explicitados. A princípio, por

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>. Acesso em: 12 set. 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.scielo.br/>>. Acesso em: 12 set. 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>>. Acesso em: 12 set. 2022.

estarmos seguindo também os critérios de Aluísio e Almeida (2006, p. 158), que dizem que “os textos devem ser escritos por falantes nativos” exceto quando o objetivo é conformar um *corpus* de aprendizes de determinada língua, não estavam sendo coletados os textos escritos primeiramente em outras línguas e traduzidos para o português brasileiro. Entretanto, percebemos o grande número de citações e referências de textos estrangeiros nos textos escritos por brasileiras/os, alguns deles inclusive já traduzidos para o português. Tal fato suscitou-nos uma reflexão sobre a área temática e ainda mais sobre nossa interpretação do que seria um “texto escrito por falante nativo” e qual o real valor de tais produções.

A partir disso, chegamos à conclusão de que muitos textos sobre Tradução Feminista escritos em outras línguas, como o inglês e o espanhol, foram e são extremamente relevantes para a área no Brasil e em muitos outros países, assim como os textos em português também podem ser para estrangeiras/os. Como estudar a Tradução Feminista sem mencionar as teóricas de outras nações e seus importantes textos? Como não mencionar *Translation and Gender* (1997) de Luise Von Flotow ou *Gender in Translation* (1996) de Sherry Simon? Como ignorar a extensa e importante produção de autoras como Olga Castro e María Laura Spoturno, por exemplo, que escreveram diversos textos sobre Tradução Feminista em espanhol e inglês, que foram amplamente traduzidos para diversas línguas?

Além disso, percebemos que não coletar textos traduzidos de outras línguas por tradutoras/es brasileiras/os seria não valorizar o trabalho tradutório, justamente o contrário do que tentamos defender em nossa prática e do que a ideologia da Tradução Feminista preconiza. Além de todas as justificativas anteriores, os textos traduzidos em português também podem ser considerados textos escritos por falantes nativos de português brasileiro e, justamente em uma perspectiva feminista, como produções e não meras reproduções. Dessa forma, nosso *corpus* de estudo é conformado por textos escritos originalmente em português e por textos traduzidos para essa língua que circulam em nosso país. Ainda assim, traduções são a minoria dos textos do *corpus* (8 de 58 textos).

Continuando o processo de construção do *corpus*, atentamo-nos para os demais critérios descritos por Aluísio e Almeida (2006, p.157), ou seja, buscamos atender aos critérios de representatividade e amostragem, de tamanho, de nível de linguagem e de formato (eletrônico). Para atender ao critério de amostragem e representatividade, foram coletados 50 textos do gênero artigo acadêmico em português brasileiro, escritos primeiramente nessa língua, e 8 textos traduzidos para ela, que estivessem relacionados de alguma forma à temática da Tradução Feminista, segundo os critérios expostos anteriormente. Sobre seu tamanho, nosso *corpus* de estudo possui 24.840 *word types* (palavras diferentes) e 309.229 *word tokens* (total de palavras).



Consideramos que esse *corpus* é representativo para o estudo proposto, já que o objetivo foi realizar uma coleta inicial de termos utilizados no âmbito da Tradução Feminista, o que consideramos ter atingido plenamente, conforme se verá na apresentação dos resultados. O *corpus* está em formato eletrônico e será compartilhado de forma gratuita com quaisquer pessoas que o solicitem<sup>14</sup>, cumprindo assim a característica de referência padrão citada por Aluísio e Almeida (2006) e como forma de devolver à sociedade o recurso investido na universidade pública onde essa pesquisa foi realizada.

### 3.2 CATALOGAÇÃO E LIMPEZA DO *CORPUS*

Conforme explicado anteriormente a partir de Bevilacqua e Arcos (2021), após a coleta dos textos, é necessário catalogá-los, limpá-los e convertê-los em um tipo de arquivo suportado pelo programa de análise linguística a ser utilizado. Assim, o *corpus* deste estudo, que chamamos de *corpus* T, de “tradução” e “terminologia”, foi catalogado em uma planilha que pode ser visualizada na íntegra no apêndice A. Nessa planilha, estão as informações sobre os textos que o conformam: título, autoras/es e tradutoras/es (se for o caso) e *links* de acesso ao texto original. Os textos foram nomeados com o código “Tpt00x”, onde “T” indica o nome do *corpus*, “pt” a língua do texto, e “00x” a numeração sequencial de acordo com a ordem de inclusão dos textos na tabela e no *corpus*, por exemplo, “Tpt001” e “Tpt058”. Todos esses textos foram convertidos para o formato texto sem formatação (.txt), em UTF-8 para que pudessem ser processados pelo AntConc.

Além desse formato, é necessário que os textos estejam limpos, ou seja, que sejam excluídas imagens, tabelas e demais elementos que não podem ser lidos como “palavras” pelo programa e também informações não significativas como referências bibliográficas, por exemplo. Realizamos a limpeza, a catalogação e a conversão de todos os textos conforme os critérios supracitados e expostos na seção anterior.

### 3.3 ANÁLISE QUANTITATIVA: CONFIGURAÇÕES E EXTRAÇÕES DO ANTCONC

O programa de análise linguística escolhido para realizar a análise quantitativa dos dados de nosso *corpus* de estudo foi o AntConc. As ferramentas utilizadas nesse estudo foram: *word list*, *keyword list*, *concordance* e *clusters/N-grams*. Para explicar cada uma delas,

---

<sup>14</sup> Para ter acesso ao *corpus* construído para esse estudo, envie um e-mail para alexia.letras@gmail.com.

recorremos novamente a Bevilacqua (2016, p. 75). A autora explica que os geradores de listas de palavras (*word list*) organizam as palavras do *corpus* em uma lista em ordem alfabética ou de frequência, sendo que as mais frequentes são fortes candidatas a termo. A *keyword list* gera uma lista de palavras que indica o índice de chavidade das palavras do *corpus* “que identifica quais são os ‘termos-chave’, verdadeiramente típicos da área. Isso é feito por meio da comparação do léxico do *corpus* de trabalho (especializado) com o léxico de um *corpus* de referência, mais geral e maior” (LOGUERCIO; ARCOS, no prelo). Sendo assim, as primeiras palavras da *keyword list* são, via de regra, fortes candidatas a termo da área de especialidade estudada. O gerador de concordâncias (*concordance*) apresenta os contextos dessas palavras, que servem para identificar se elas são termos ou não e também como informação linguística que pode ser inserida na ficha terminográfica. Por último, o gerador de n-gramas (*clusters/N-grams*), segundo Bevilacqua *et al.* (2013), identifica unidades com extensões diversas, de 1 unidade até o tamanho que interessa à pesquisa, e permite reconhecer, entre elas, os termos sintagmáticos. Também é possível utilizar os *clusters*, isto é, uma ferramenta que, a partir de uma palavra-chave e limites de extensão, traz como resultado possíveis termos sintagmáticos formados com a palavra-chave buscada. Ainda há o recurso de geração de colocados (*collocates*), que oferece uma lista de possíveis palavras coocorrentes da palavra-chave indicada e seu índice de ocorrência conjunta.

Para poder extrair as palavras-chave candidatas a termos da área em estudo, subimos um *corpus* de referência no AntConc, que retiramos do *site* Lácio Web<sup>15</sup>, da Universidade de São Paulo, que contém diversos *corpora* em português brasileiro disponíveis para pesquisas linguísticas. Isso é importante para que o AntConc analise quais palavras são utilizadas com mais frequência e importância dentro do *corpus* de estudo – nosso *corpus* de textos acadêmicos relativos à Tradução Feminista –, que se difere do *corpus* de referência, pois esse contém textos sobre assuntos não especializados e voltados para o público em geral. Por esse motivo, o *corpus* de referência que escolhemos foi o “Generalidades”, do Lácio-Ref, um “córpus aberto e de referência do Projeto Lácio-Web, composto de textos em português brasileiro, tendo como característica serem escritos respeitando a norma culta” (LÁCIO-WEB, [2022?]). O *corpus* “Generalidades” possui 2.125.210 palavras.

Para refinar ainda mais as extrações quantitativas do AntConc, é possível adicionar uma *stoplist* nas configurações, ou seja, uma lista de palavras que o programa deve ignorar em suas buscas. Subimos para o programa uma *stoplist* com algumas palavras gramaticais muito

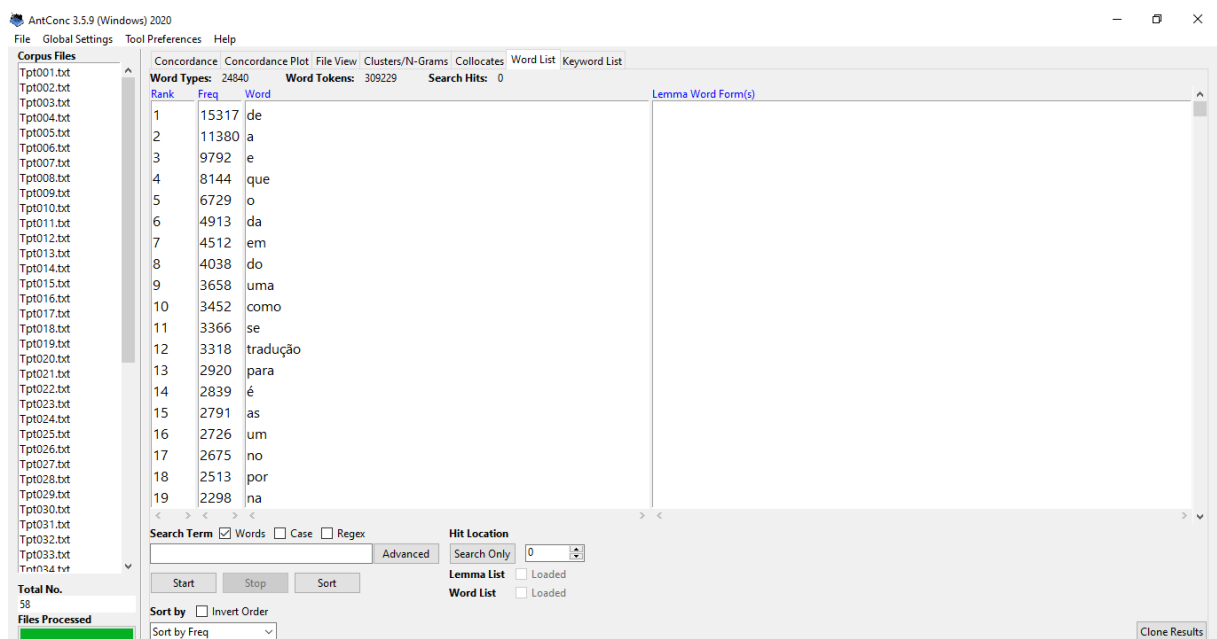
---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://143.107.183.175:22180/lacioweb/index.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

utilizadas, como “de”, “a”, “mas”, “segundo”, “portanto” etc. Isso é necessário para evitar ruídos, ou seja, “estruturas que não são candidatas a termo e que não interessam ao trabalho” (BEVILACQUA, 2016, p.76, tradução nossa<sup>16</sup>). Na Figura 1, abaixo, é possível visualizar a *word list* com as palavras gramaticais, e na Figura 2, a mesma lista após a inserção da *stoplist*.

Como o *corpus* não foi lematizado<sup>17</sup> previamente, foi necessário também incluir uma *lemma list* nas configurações do AntConc, ou seja, uma lista de palavras em singular e plural ou masculino e feminino que deveriam ser agrupadas por frequência com o mesmo lema. Por exemplo, foram agrupadas no lema “feminista” as ocorrências em singular e plural dessa palavra, e no lema “tradutor”, as ocorrências em singular e plural, bem como no masculino (tradutor) e no feminino (tradutora). Desse modo, também se facilita a análise qualitativa que é feita posteriormente a fim de evitar retrabalho e agrupar as ocorrências de um mesmo candidato a termo. Na Figura 2, é possível visualizar a *word list* lematizada e livre de palavras gramaticais.

Figura 1 - *Word list* do AntConc com as palavras gramaticais



Fonte: a autora (2022).

<sup>16</sup> No original: “[...] estructuras que no son candidatas a término y que no interesan al trabajo”.

<sup>17</sup> Silva e Arcos (no prelo), explicam o que é lematização: “A lematização consiste no processo de juntar todas as formas de uma palavra em sua forma canônica. Um corpus lematizado permite que por apenas uma única busca recuperem-se todas as formas conjugadas de um verbo, por exemplo. Assim, buscando-se o verbo “registrar”, a ferramenta recuperará todas as suas conjugações: registra, registrou, havia registrado, registrara, registraria, registrado, registrando etc. O mesmo aplica-se a substantivos e adjetivos com suas flexões de gênero e número” (SILVA; ARCOS, no prelo).

Figura 2 - Word list do AntConc sem as palavras gramaticais e lematizada

Rank	Freq	Lemma	Lemma Word Form(s)
1	3718	tradução	tradução 3318 traduções 400
2	2003	mulher	mulher 641 mulheres 1362
3	1577	feminista	feminista 858 feministas 719
4	1359	texto	texto 915 textos 444
5	1083	tradutor	tradutor 357 tradutora 311 tradutoras 273 tradutores 142
6	753	gênero	gênero 753
7	652	obra	obra 413 obras 239
8	524	estudos	estudos 524
9	513	forma	forma 513
10	491	questão	questão 247 questões 244
11	483	língua	língua 483
12	481	negra	negra 175 negras 306
13	386	livro	livro 287 livros 99
14	377	poder	poder 377
15	374	trabalho	trabalho 374
16	370	relação	relação 370
17	359	feminismo	feminismo 359
18	333	brasil	brasil 333
19	333	linguagem	linguagem 333

Fonte: a autora (2022).

Após, geramos a *keyword list* e selecionamos os primeiros 50 candidatos a termo para realizar a análise qualitativa de seus significados e ocorrências. Na Figura 3, a seguir, é possível visualizar os primeiros candidatos a termo extraídos pelo AntConc.

Figura 3 - Keyword list com os primeiros candidatos a termo extraídos pelo AntConc

Rank	Freq	Keyness	Effect	Keyword
1	3318	+ 17586.06	0.0398	tradução
2	1362	+ 5632.78	0.0165	mulheres
3	858	+ 4419.08	0.0105	feminista
4	753	+ 3979.96	0.0092	gênero
5	719	+ 3695.95	0.0088	feministas
6	915	+ 3286.86	0.0111	texto
7	483	+ 2552.14	0.0059	língua
8	641	+ 2207.74	0.0078	mulher
9	400	+ 2113.38	0.0049	traduções
10	370	+ 1954.82	0.0045	relação
11	359	+ 1836.37	0.0044	feminismo
12	357	+ 1782.05	0.0044	tradutor
13	311	+ 1600.71	0.0038	tradutora
14	306	+ 1516.15	0.0037	negras
15	273	+ 1442.19	0.0033	tradutoras
16	255	+ 1347.07	0.0031	política
17	444	+ 1344.79	0.0054	textos
18	247	+ 1304.8	0.003	questão
19	244	+ 1288.95	0.003	questões
20	239	+ 1262.53	0.0029	história

Fonte: a autora (2022).

Como é possível ver na Figura 3, essa ferramenta traz como resultado somente os candidatos a termos simples do *corpus*. Entretanto, por sabermos que os termos sintagmáticos configuram maior número em textos especializados (BORGES, 1998; KRIEGER, 2001) e porque as palavras que orbitam ao redor de um candidato a termo podem ajudar a conferir-lhe o caráter de termo, entendemos que era crucial buscar também os candidatos a termos sintagmáticos. Para encontrá-los, selecionamos cada candidato a termo e utilizamos a ferramenta *clusters/N-grams* seguindo o método utilizado pelo grupo Termisul e explicado anteriormente (BEVILACQUA *et al.*, 2013; LOGUERCIO; ARCOS, no prelo). Essa ferramenta pode ser configurada com frequência mínima e máxima de palavras dentro da colocação que interessam à pesquisa, como explicam as autoras supracitadas, além de sua frequência no *corpus*. A configuração que escolhemos foi:

- Cluster size* (número de palavras): mínimo 2 e máximo 5;
- Frequência mínima: 5 ocorrências;
- Range (número de textos em que aparece): frequência mínima de 2 textos.

A Figura 4 mostra os *clusters* para o termo “tradução” a fim de ilustrar como nossas buscas se realizaram.

Figura 4 - Clusters da palavra-chave “tradução” no AntConc

The screenshot shows the AntConc 3.5.9 (Windows) 2020 interface. The main window displays the results of a search for the term "tradução". The results are organized into a table with columns for Rank, Freq, Range, and Cluster. The search term is "tradução", and the cluster size is set to a minimum of 2 and a maximum of 5. The search term position is set to "On Left".

Rank	Freq	Range	Cluster
1	291	49	tradução de
2	233	35	tradução feminista
3	158	46	tradução e
4	117	38	tradução é
5	108	42	tradução como
6	81	38	tradução que
7	62	29	tradução em
8	55	28	tradução do
9	54	33	tradução para
10	50	22	tradução não
11	49	2	tradução de gênero
12	41	7	tradução nossa
13	39	25	tradução da
14	30	14	tradução cultural
15	30	24	tradução para o
16	27	16	tradução de textos
17	26	19	tradução no
18	25	19	tradução se
19	23	10	tradução literária

Fonte: a autora (2022).

Para limpar essa lista, selecionamos somente as estruturas prototípicas de termo segundo Borges (1998), ou seja, Nome + Adjetivo ou Nome + Preposição + Nome. Assim, nossa lista de termos sintagmáticos formados a partir do termo “tradução”, por exemplo, é a que consta no Quadro 1:

Quadro 1 - Termo simples (tradução) e seus termos sintagmáticos

<b>Termo</b>	<b>Termos sintagmáticos</b>
tradução	tradução feminista tradução cultural tradução não sexista tradução e gênero tradução literal tradução coletiva tradução comentada tradução feminista transnacional tradução coletiva entre mulheres

Fonte: a autora.

Esse procedimento foi realizado com todos os 50 primeiros candidatos a termo selecionados na *keyword list* ilustrada anteriormente. Após essa extração quantitativa, foi realizada uma análise qualitativa dos contextos para verificar o caráter de termo dos candidatos. Explicaremos esse passo da metodologia a seguir.

### 3.4 ANÁLISE QUALITATIVA: SELEÇÃO DOS TERMOS E CONTEXTOS

Para proceder à análise qualitativa da lista de palavras gerada pelo AntConc, foi necessário ter em mente o conceito de termo a fim de decidir quais candidatos realmente possuíam caráter especializado e quais não se encaixavam nessa definição. Para isso, levamos em consideração os critérios para definir termos apresentados por Bevilacqua (2016) e já citados anteriormente, mas que reiteramos aqui: os candidatos a termo não estarem definidos em dicionários de língua geral, os contextos do *corpus* apresentarem definições do termo e este possuir um significado específico para a área especializada ou função pragmática no texto.

A partir do conceito de termo adotado neste trabalho e dos procedimentos metodológicos explicitados, realizamos mais uma limpeza na lista de candidatos a termo excluindo aquelas unidades ou sintagmas que não possuíam significado especializado, como palavras gramaticais ou que não veiculavam nenhum conceito da área e sim designações genéricas como *questões de gênero*, por exemplo. O Quadro 2 a seguir contém alguns exemplos de candidatos a termo excluídos por nossa análise qualitativa e as justificativas para isso.

Quadro 2 - Candidatos a termo que foram excluídos da lista final de termos

<b>Candidato a termo e frequência no <i>corpus</i></b>	<b>Justificativa de retirada</b>
tradutoras brasileiras 15 ocorrências	Compreendemos que o item 'brasileiras' marca o gentílico e não tem fixação como termo.
questão/questões 247/244 ocorrências	Tem sentido genérico, embora seja frequente no <i>corpus</i> .
inglês/português 229/217 ocorrências	Não têm sentido especializado, são itens lexicais citados em referência às línguas das traduções analisadas/comentadas na maior parte dos textos do <i>corpus</i> .
traduzir 227 ocorrências	Verbos não costumam ser incluídos nos produtos terminográficos tendo em vista que, em geral, geram Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs) (BEVILACQUA, 2004), que não fazem parte do escopo da presente pesquisa.
própria/possível/então/só 211/186/185/183 ocorrências	Palavras genéricas ou gramaticais. Em pesquisas futuras, podem estar na <i>stoplist</i> para gerar uma lista de candidatos a termos mais limpa.
traduzido 182 ocorrências	Particípio, foge da estrutura de termo.
século 156 ocorrências	Uso genérico e não especializado.

Fonte: A autora.

Comentamos mais detalhadamente a seguir sobre três candidatos a termo que foram excluídos de nossa seleção e as justificativas para isso: *tradução coletiva entre mulheres*, *tradução e gênero* e *feminino visível na linguagem*.

#### **3.4.1 Tradução coletiva entre mulheres**

Esse candidato a termo foi identificado como termo sintagmático de “tradução” e possui 6 ocorrências no *corpus*. Devido às especificidades da Tradução Feminista, decidimos analisar os contextos em que ocorria para verificar se possuía caráter especializado. Com isso, constatamos que, apesar de possuir 6 ocorrências, 5 eram de um mesmo texto, que justamente tratava de um relato de experiência de uma tradução coletiva realizada entre um grupo de mulheres tradutoras. Sendo assim, consideramos que *tradução coletiva entre mulheres* não possuía fixação suficiente para ser classificado como termo e o excluímos do glossário, mantendo apenas seu hiperônimo, *tradução coletiva*, que já havia sido identificado separadamente. Contudo, não descartamos que esse possa vir a ser considerado um termo especializado da área em pesquisas futuras e com um *corpus* mais extenso.

#### **3.4.2 Tradução e gênero**

Decidimos analisar o candidato *tradução e gênero* pois sua frequência era relativamente relevante no *corpus*: 16 ocorrências. A partir da análise dos contextos, percebemos que, apesar de frequente, essa estrutura não se caracterizava como um termo, mas sim como uma união de dois termos-chave da Tradução Feminista, justamente *tradução*, que vem dos Estudos de Tradução, e *gênero*, proveniente dos Estudos de Gênero. Isso pode ser visualizado no exemplo retirado do *corpus*:

[...] muitas pesquisas sob o guarda-chuva do gênero abarcam de fato pautas feministas e conversam com os referenciais teóricos dos feminismos. No caso específico dos Estudos da Tradução (ET), a não utilização de uma terminologia comum, como Estudos Feministas de Tradução, dificulta localizar pesquisas nesse campo, o que pode impedir ou atrapalhar o diálogo nacional e transnacional entre trabalhos situados na intersecção entre *tradução e gênero*. (Tpt016) (grifos nossos)

#### **3.4.3 Feminino visível na linguagem**

Apesar de também ter uma frequência relevante no *corpus*, 7 ocorrências, por ora não incluímos *feminino visível na linguagem* como termo da Tradução Feminista. Nossa principal



justificativa para isso é porque se trata de uma construção que foge da estrutura sintática prototípica de termos já mencionada anteriormente (BORGES, 1998). Entretanto, também não descartamos a possibilidade de que, com um *corpus* maior, essa construção seja revisitada e analisada novamente, até porque a estrutura “feminino visível” também forma colocações com “na língua” e “no texto”, o que pode ser um dado interessante a ser pesquisado.

### 3.5 ANÁLISE ESPECÍFICA DE ALGUNS CANDIDATOS A TERMO

Como é possível observar na Figura 3, a partir de critérios estatísticos, o AntConc indicou separadamente como palavras-chave possíveis candidatos a termo as mesmas palavras em singular e plural ou em masculino e feminino, por exemplo: *tradução* e *traduções*, *mulher* e *mulheres*, *tradutor* e *tradutora*. Devido à interdisciplinariedade que forma a área temática da Tradução Feminista, os Estudos de Tradução e os Estudos de Gênero, decidimos analisar todas essas ocorrências separadamente para verificar se o uso em singular e plural e masculino e feminino implicava diferentes conceitos ou sentidos pragmáticos ou se era somente uma questão de adequação à concordância de gênero e número no nível sintático. Isso foi feito porque, mesmo tendo lematizado esses termos na lista inicial de candidatos, percebemos que eles poderiam ter significados diferentes. Para fazer esse tipo de investigação, novamente seguimos a indicação de Krieger (2005), que sugere que se realize a análise qualitativa dos contextos em que os candidatos a termo aparecem no *corpus*. Extraímos, então, os contextos desses termos para poder verificar seus significados e possíveis diferenças de sentido, e posteriormente, para compor a ficha terminológica. Para essa etapa, seguimos os critérios propostos por Aubert (2001, p. 68) já citados, selecionando e extraindo preferencialmente os contextos definitórios ou explicativos, mas, na falta desses, também contextos associativos.

Após a análise dos mesmos, percebemos que alguns termos possuíam traços semânticos distintos quando utilizados em singular ou em plural, como é o caso de *mulher* e *mulheres*. A análise de seus contextos permitiu verificar que *mulher* se utiliza para fazer referência ao gênero, como se fosse uma categoria que se difere de outras, como *homem* ou *pessoa não-binária*, enquanto *mulheres* refere-se a um coletivo, ao conjunto diverso de mulheres do mundo.

A Tradução Feminista acompanha, evidentemente, a reflexão do campo de Estudos de Gênero, dentro do qual há um importante debate sobre o uso das categorias *mulher* e *mulheres*. Embora ambas as formas sejam frequentes, reconhecendo-se que a experiência de ser mulher é extremamente diversa e atravessada por diversas variáveis, a forma em plural, *mulheres*, tem sido mobilizada para evitar a generalização das perspectivas e reflexões. Essa reflexão apareceu

em muitos contextos do *corpus*, e dois deles acabaram sendo os escolhidos para formar parte do projeto piloto de glossário:

Quadro 3 - Termos *mulher* e *mulheres* e seus respectivos contextos

Termo	Contexto
Mulher	Entendemos que a categoria <b>mulher</b> não é estática e [...] podem ser observadas na teoria e na prática de tradução feminista, trabalhos cujas perspectivas abordam opressões sistemáticas culturais e sociais, tais como raça, classe, religião, identidade sexual e de gênero e outros eixos que muitas vezes interagem simultaneamente, tanto nas subjetividades das mulheres (e de identidades genéricas dissidentes), quanto nas possibilidades de escrita, publicação, tradução e circulação de determinados textos que partem desses lugares. (Tpt021)
Mulheres	Em última instância, o fato de que se traduzam textos de autoria feminina entre diferentes línguas e culturas colocará em contato experiências de <b>mulheres</b> muito distintas, contribuindo para dissolver a presunção patriarcal de que o homem é heterogêneo e a mulher homogênea, e a constatar que o gênero não é um princípio unificador para todas as mulheres, mas que apenas configura a identidade junto a outras variáveis. (Tpt046)

Fonte: A autora.

Apesar de o primeiro contexto deixar explícito que a categoria *mulher* engloba diversas subjetividades do “ser mulher”, entendemos que o uso desse termo em singular ou plural possui diferentes implicações semânticas e pragmáticas e inclusive gera termos sintagmáticos distintos, que podem ser vistos no Quadro 4:

Quadro 4 - Termos *mulher* e *mulheres* e seus respectivos termos sintagmáticos

Termo	Termos sintagmáticos
Mulher	violência contra a mulher corpo da mulher sexualidade da mulher voz da mulher mulher tradutora
mulheres	mulheres negras mulheres brancas mulheres latino-americanas mulheres de cor mulheres tradutoras mulheres escritoras

Fonte: A autora.

Por todas essas razões, decidimos apresentar duas entradas separadas no glossário para que sua/seu usuária/o possa perceber as diferenças semânticas e pragmáticas entre elas e escolher qual é a mais adequada para seus objetivos e necessidades (KRIEGER, 2005).

De modo distinto, decidimos agrupar algumas entradas com suas ocorrências em singular e plural, como *tradução* e *traduções* e *movimento feminista* e *movimentos feministas*. Esses dois exemplos não foram escolhidos ao acaso, mas porque, diferentemente do caso de *mulher* e *mulheres*, não apresentam diferenças em seus significados, mas foram lematizados de formas distintas em nosso glossário. Assim, na entrada de *tradução* também estão representadas as ocorrências no plural, e na entrada de *movimentos feministas* também as ocorrências no singular, conforme vemos no Quadro 5:

Quadro 5 – Termos *tradução* e *movimentos feministas* com seus respectivos contextos

Termo	Contexto
tradução	[...] a <b>tradução</b> é em si mesma um ato intensamente relacional, que estabelece conexões entre texto e cultura. Essa relacionalidade que a tradução aciona mobiliza não só o contexto em que ela está inserida, mas também questões ligadas às identidades postas em jogo pelo texto traduzido. (Tpt013)
movimentos feministas	Por outro lado, embora possamos avaliar os <b>movimentos feministas</b> diferentemente em determinados períodos histórico-sociais, ainda não teremos respostas satisfatórias às necessidades de interação entre mulheres de movimentos políticos emancipatórios distintos. (Tpt043)

Fonte: A autora.

Escolhemos apresentar a entrada *movimentos feministas* no plural justamente para destacar a pluralidade desses movimentos, conforme explicado no próprio contexto retirado do *corpus*, ainda que a forma canônica de inserção das entradas em dicionários seja registrar a entrada no masculino singular. Na terminologia, as entradas podem ser registradas na sua forma plural por diversas questões, entre elas, o uso mais frequente dessa forma. Percebe-se, concomitantemente, que os dicionários de língua geral estão passando a adotar não só a forma masculina, mas também a feminina em suas entradas, muito provavelmente devido às ideologias e lutas feministas.

Para ilustrar como foram agrupadas tais ocorrências e termos, inserimos o Quadro 6 com os termos em singular e plural ou masculino e feminino, as frequências de cada um no *corpus* e, por último, a forma lematizada que escolhemos para figurar no glossário:

Quadro 6 - Lematização de termos no projeto piloto de glossário

<b>Termo feminino ou masculino no singular e ocorrências</b>	<b>Termo feminino ou masculino no plural e ocorrências</b>	<b>Forma lematizada e número total de ocorrências</b>
tradução 3318	traduções 400	tradução 3.718
sexualidade da mulher 6	sexualidade das mulheres 6	sexualidade da mulher 12
movimento feminista 38	movimentos feministas 33	movimentos feministas 71
tradutora feminista 25	tradutoras feministas 42	tradutora feminista 67
teórica feminista 4	teóricas feministas 15	teóricas feministas 19
texto 915	textos 444	texto 1359
texto traduzido 58	textos traduzidos 26	texto traduzido 84
texto feminista 2	textos feministas 22	textos feministas 24
tradutor / tradutores 357 / 142	tradutora / tradutoras 311 / 273	tradutora/tradutor 1.803
autor 140	autora 294	autora/autor 434
teoria 189	teorias 194	teoria 383
teoria feminista 41	teorias feministas 41	teorias feministas 82

Fonte: A autora.

Como pode-se perceber no Quadro 6, escolhemos apresentar as entradas *tradutora/tradutor* e *autora/autor* dessa maneira, com a forma feminina antes e a forma

masculina depois, a fim de construir o piloto de glossário com linguagem inclusiva que marcasse ambos os gêneros e não somente um, mas que oferecesse lugar de destaque à forma feminina. Um dado interessante que percebemos a partir da análise dos contextos do *corpus* foi o uso de linguagem inclusiva relativamente frequente com o uso de barras ou parênteses para incluir também a forma feminina e não somente a forma em masculino genérico. Retiramos esses exemplos e frequências do *corpus*:

- a) tradutor/a - 61 ocorrências;
- b) tradutor(a) - 26 ocorrências.

A partir de todos os procedimentos explicados anteriormente, chegamos a um total de 122 termos que constituirão o glossário, que pretendemos finalizar, ampliar e publicar futuramente, mas que já pode ser visualizado em sua forma piloto no Apêndice B.

## 4 PROPOSTA DE GLOSSÁRIO E ANÁLISE DE ALGUNS TERMOS

Neste capítulo, apresentamos nossa proposta para o projeto piloto de glossário, sua estrutura e alguns exemplos de entradas. Além disso, fazemos alguns comentários pontuais da análise de alguns termos que consideramos relevantes para a discussão terminológica sobre a Tradução Feminista.

### 4.1 CONSTRUÇÃO DO PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO

A partir da seleção dos 122 termos conforme os critérios recém-explicitados, organizamos a macroestrutura em ordem alfabética para que a/o usuária/o possa encontrar os termos que procura de maneira mais fácil e rápida. Em relação à microestrutura, foi necessário definir quais informações a ficha terminológica conteria. Para tanto, consideramos o público-alvo pretendido – estudiosas/os da área, tradutoras/es, revisoras/es, estudantes de tradução ou de Letras em geral, entre outros – e sua função – organizar e de dar a conhecer a terminologia da área. Seguindo as sugestões de Bevilacqua (2016), mas por tratar-se de um projeto piloto, decidimos deixar a ficha terminológica o mais simples possível, mas mantendo o material rico e de qualidade para seu/sua leitor/a. Desse modo, as fichas que compõem nosso glossário possuem os seguintes campos:

- a) **Termo:** inclui o termo simples ou sintagmático;
- b) **Contexto e fonte:** contém o contexto selecionado do *corpus* e sua fonte, ou seja, o código do texto incluído no catálogo;
- c) **Ver também:** indica os hipônimos associados aos termos hiperônimos (termo de entrada); por exemplo: *tradução* possui como termos hipo-nímicos *tradução feminista*, *tradução cultural*, *tradução não sexista* etc. Dessa forma, esse campo inclui os termos sintagmáticos derivados dos termos simples;
- d) **Outras formas:** indica as formas variantes do termo ou siglas; por exemplo: *estudos de tradução* possui como outras formas *estudos da tradução* e *ET*;
- e) **Notas:** explicações complementares úteis para a/o usuária/o.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de ficha:

Quadro 7 - Exemplos de fichas terminológicas do projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista

Termo	Contexto e fonte	Ver também	Outras formas	Notas
abordagem feminista	Talvez seja a conexão entre um interesse em compreender como o discurso constrói/desconstrói o gênero e essa ideia de negociação, do desejo de evitar uma separação rígida entre autoria/tradução, entre quem escreve/quem lê, entre tradução/pesquisa e entre texto fonte/texto traduzido que poderia ser útil para definir a <b>abordagem feminista</b> na tradução. (Tpt023)	Perspectiva feminista		
autora/autor	Para Sherry Simon (1996, p. 2), do ponto de vista tradutório, o estilo de escrita feminista é adotado quando o/a tradutor/a, apoiado em noções de tradução cultural, questiona o modo como desigualdades de gênero são expressadas no discurso e transferidas para outras culturas; quando o/a tradutor/a reconhece e resiste à dominação, enquanto enfatiza a importância do contexto cultural para a tradução, quando o foco está no projeto de escrita, onde ambos/as <b>autor/a</b> e tradutor/a desempenham um papel significativo. (Tpt041)			



Termo	Contexto e fonte	Ver também	Outras formas	Notas
contexto	[...] a tradução é em si mesma um ato intensamente relacional, que estabelece conexões entre texto e cultura”. Essa relacionalidade que a tradução aciona mobiliza não só o <b>contexto</b> em que ela está inserida, mas também questões ligadas às identidades postas em jogo pelo texto traduzido. (Tpt013)	contexto cultural contexto político contexto histórico contexto da tradução		
contexto da tradução	Assim, a partir de uma leitura consciente e não dominante da representação discursiva de mulheres e homens, a tradução não sexista propõe estratégias de reescrita que considerem o <b>contexto da tradução</b> (função do texto, público, tipo de representação linguística, pares linguísticos, limitações de cada tipologia textual como poesia, tradução juramentada, dublagem, etc.), mas que também valorizem os intertextos da língua alvo [...]. (Tpt046)			

Termo	Contexto e fonte	Ver também	Outras formas	Notas
estudos da tradução	Somente na segunda metade do século XX a tradução passa a ter reconhecimento acadêmico, dando origem aos <b>Estudos da Tradução</b> , [...]. Com o objetivo de estudar sistematicamente a tradução e suas correlações com a linguagem, os Estudos da Tradução cativaram diferentes escolas de pensamento, cada uma propondo abordagens de acordo com as particularidades dessas áreas. (Tpt052)		<p><b>Termo:</b> Estudos de tradução</p> <p><b>Contexto:</b> Durante a década de 70, ao mesmo tempo em que a disciplina de <b>Estudos de Tradução</b> estava se desenvolvendo, paralelamente acontecia o desenvolvimento das teorias feministas, ainda que as duas áreas tenham permanecido separadas até pouco tempo atrás. (Tpt057)</p> <p><b>Termo:</b> ET</p> <p><b>Contexto:</b> No caso específico dos Estudos da Tradução (<b>ET</b>), a não utilização de uma terminologia comum, como Estudos Feministas de Tradução, dificulta localizar pesquisas nesse campo, o que pode impedir ou atrapalhar o diálogo nacional e transnacional entre trabalhos situados na intersecção entre tradução e gênero. (Tpt016)</p>	

Termo	Contexto e fonte	Ver também	Outras formas	Notas
ondas do feminismo	<p>Springer (2002) começa por criticar o modelo historiográfico das <b>“ondas” do feminismo</b>, crítica que ela toma emprestada justamente de Beverly Guy-Sheftall (2002), que discutirá seu texto. Springer mostra, portanto, como a repartição em três ondas está centrada na história das mulheres e feministas brancas. (Tpt042)</p>			<p>São três as chamadas ‘ondas do feminismo’, que também se constituem como termos da área. Por essa razão, estão inseridos abaixo com seus respectivos contextos:</p> <p><b>Termo:</b> primeira onda</p> <p><b>Contexto:</b> Embora se admita normalmente que a <b>primeira onda</b> do feminismo estadunidense começou pela mobilização abolicionista dos anos 1850, muitas mulheres negras já estavam mobilizadas anteriormente àquela data enquanto negras e mulheres. (Tpt042)</p> <p><b>Termo:</b> segunda onda</p> <p><b>Contexto:</b> A princípio, entre 1970–80, a tradução feminista emergiu com a <b>segunda onda</b> do feminismo a partir da experiência de tradutoras quebequenses — a exemplo de Barbara</p>

			<p>Godard e Susanne Lotbinière-Harwood — que começaram a desenvolver novas práticas tradutórias subversivas com o objetivo de desconstruir uma linguagem patriarcal e misógina. (Tpt003)</p> <p><b>Termo:</b> terceira onda</p> <p><b>Contexto:</b> O texto que hoje se conhece pelo nome “We should all be feminists” (FOURTH STATE, 2014) tem origem na segunda aparição da escritora e poetisa Nigeriana Chimamanda na plataforma TEd Talk (LONDRES, 2012) para proferir uma palestra com o mesmo título da referida obra. Com mais de cinco milhões de acessos, a palestra de 30 minutos dessa autora não só se tornaria referência para o debate acerca do feminismo em nossos dias, como também viria a conferir-lhe visibilidade mundial ao despertar leitores e comunidades afins para a <b>terceira onda</b> global</p>
--	--	--	--

				do feminismo, iniciada em 1990. (Tpt047)
--	--	--	--	--

Fonte: A autora.

## 4.2 COMENTÁRIOS SOBRE ALGUNS TERMOS

Pensamos que é interessante apresentar as discussões e análises dos seguintes termos, bem como as conclusões a que chegamos sobre eles até o momento: *mulheres de cor*, *gênero*, *tradutoras feministas canadenses* e todas as variações encontradas no *corpus* para *estudos feministas de tradução*.

### 4.2.1 *Mulheres de cor*

O termo *mulheres de cor* é resultado da busca de termos sintagmáticos do termo *mulheres* e possui 17 ocorrências em plural e 2 ocorrências no singular. Ao fazer a análise qualitativa dos contextos em que esse termo aparece no *corpus*, percebemos que ele suscita questões terminológicas, como pode ser visto no contexto a seguir:

Ochy Curiel mesma usa “não brancas”, que não quero demonizar como a versão malévola que “**mulheres de cor**” deve heroicamente apagar, mas a contextualização que oferece ao termo aponta as nuances do que estava em disputa na constituição e uso dele. E parte do que estava em disputa era visibilizar mulheres de cor, seja na autodefinição, seja nas produções teóricas (poéticas ou em prosa). (Tpt040) (grifos nossos)

A partir disso, buscamos textos que pudessem tratar do uso desse termo para verificar se ele não possuía sentido pejorativo e encontramos uma nota de rodapé dedicada exclusivamente a ele no texto “Feminismo negro estadunidense e sua (in)visibilidade no cenário brasileiro: questões de tradução”, de autoria de Luciana de Mesquita Silva e publicado na Revista Artémis em 2019. A nota de rodapé diz que

“Mulheres de cor” está sendo utilizado como tradução de *women of color* que, no contexto dos Estados Unidos, refere-se a mulheres de ascendência asiática, latino-americana, indígena e africana. Mesmo que no Brasil possam ser encontrados termos como “mulheres não-brancas”, “mulheres de minorias étnicas” e “mulheres racializadas” como traduções de *women of color*, neste artigo optou-se pelo uso de “mulheres de cor” com o objetivo de ressignificar positivamente um termo historicamente considerado ofensivo, assim como fez o movimento negro brasileiro nos anos 40 e 50 do século XX. Para mais informações sobre esse assunto, ver o artigo “Quem nomeou essas mulheres ‘de cor’? Políticas feministas de tradução que mal dão

conta das sujeitas negras traduzidas”, de Tatiana Nascimento, publicado na revista *Translatio* (2017), n. 13, p. 127-142. (SILVA, 2019, p. 189, grifos da autora)

Como podemos perceber, o debate sobre como traduzir para o português *women of color* tem sido bastante recorrente nos estudos de Tradução Feminista no Brasil devido à inevitável inequivalência de experiências vividas por mulheres em diferentes contextos. A terminologia do campo, como consequência, reflete esse debate. Com a explicação de Silva (2019), concluímos que era importante mantê-lo no piloto de glossário a fim de contribuir com sua ressignificação positiva e decidimos incluir a nota de rodapé da autora na íntegra no campo “notas” da ficha terminológica de *mulheres de cor*.

#### 4.2.2 Gênero

O termo *gênero* foi o quarto colocado em nossa *keyword list* e possui uma frequência alta no *corpus*: 753 ocorrências. Devido ao nosso conhecimento prévio da área temática estudada, pressupomos que os sentidos desse termo não seriam unívocos, pois ele pode referir-se a “gênero” na perspectiva dos Estudos de Gênero ou a “gênero gramatical e textual”, segundo a perspectiva dos Estudos de Tradução e mais ainda da Tradução Feminista. Tal pressuposição foi confirmada pelo *corpus*, pois os contextos encontrados remetiam a esses três conceitos. Por essa razão, decidimos que a entrada *gênero* representaria o primeiro significado citado aqui. Ressaltamos que esse sentido gerou o termo sintagmático *gênero feminino*, que também constituiu uma entrada distinta. Também criamos outras duas entradas, *gênero gramatical* e *gênero literário*, para abarcar as variações conceituais do termo (KILIAN, 2007). Pensamos que, desse modo, estão representados todos os diferentes significados encontrados nos contextos. As quatro entradas podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 8 - Entradas de *gênero*, *gênero gramatical*, *gênero literário* e *gênero feminino*

Termo	Contexto e fonte	Ver também	Outras formas
gênero	<p>Pesquisadoras feministas usam <b>gênero</b> como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria “mulher” e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural. (Tpt043)</p>		
gênero gramatical	<p>Espelho e reflexo do social, normativo e prescritivo, é assim um pleonasmo dizer que a língua é sexista (Yaguello, 1989) e era evidentemente importante modificar a função do <b>gênero gramatical</b> antes, e em todo caso de forma concomitante, ao efeito do gênero na escrita, ou reescrita, ou seja, na tradução. (Tpt004)</p>		
gênero literário	<p>O termo “textos paralelos” não é utilizado de forma consistente na literatura e pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas; de textos fonte e suas traduções, até textos do mesmo <b>gênero literário</b> na língua de saída, assim como na língua de chegada [...]. (Tpt023)</p>		

gênero feminino	A maior parte de nós que nasce com o <b>gênero feminino</b> (ou que é designada na altura do nascimento como pertencendo ao gênero feminino) aprende, ainda criança, que devemos ser bonitas e sexy para assim podermos nos tornar objetos de desejo masculinos em vez de apreciar nossos corpos ou ter desejos próprios. (Tpt026)		
-----------------	--	--	--

Fonte: A autora.

#### 4.2.3 Tradutoras feministas canadenses

Embora pouco comum, é possível que um nome próprio ou a designação de um grupo de pessoas seja um termo especializado de uma área (KRIEGER, 2001), já que somente suas/seus especialistas ou estudiosas/os saberão de quem se trata e qual a importância desse grupo de pessoas para a área. Esse é o caso de *tradutoras feministas canadenses*, que tem 5 ocorrências no *corpus*, e de suas muitas variações como *tradutoras canadenses* (10 ocorrências) ou ainda *escola canadense* (13), entre outras. Optamos por incluir uma entrada com esse termo em nosso glossário devido ao lugar de importância que esse grupo de tradutoras e pesquisadoras tem no campo, pois se atribui a elas o início da sistematização sobre a reflexão em Tradução Feminista nos anos 1980, conforme explicado no capítulo referente à revisão teórica. A forma reduzida *tradutoras canadenses*, considerada sua variante, está no campo “outras formas”.

Essa decisão também se apoia na ideia de Krieger de que

A identificação de um repertório terminológico não se resume à consideração pela área temática de conhecimento de que o termo participa, o que, obrigatoriamente, define seu plano conceitual, mas também importam as implicações pragmáticas que são agregadas à circulação de determinadas unidades terminológicas em alguns campos profissionais. (KRIEGER, 2005, p.3)

#### 4.2.4 Estudos feministas de tradução

Como mencionamos na introdução deste trabalho, os estudos feministas de tradução ainda podem ser considerados uma área relativamente nova, principalmente no Brasil e em outros países do Sul global (FONSECA; SILVA; SILVA-REIS, 2020). Tal informação se



confirma, de certa maneira, quando analisamos os dados do *corpus* em relação à própria terminologia do nome da área, que ainda não está consolidada de uma maneira unívoca e sim com variações. Segundo Bevilacqua (2016, p.72, tradução nossa<sup>18</sup>), “as funções de um produto terminográfico podem ser: registrar a terminologia de uma área nova para difundi-la a um público específico [...]”. Em nossa visão, difundi-la não significa prescrever como ou quais termos devem ser usados, mas descrever o que já está em uso pelas/os especialistas da área. Dessa forma, consideramos importante inserir em nosso glossário as diferentes formas com variações no nível sintático desse termo no campo “outras formas” de *estudos feministas de tradução*. De modo a oferecer informação complementar, listamos a seguir as formas variantes e sua quantidade de ocorrências no *corpus*:

Quadro 9 - Variações do termo *estudos feministas de tradução* e suas ocorrências

<b>Termo</b>	<b>Número de ocorrências no <i>corpus</i></b>
estudos feministas <b>de</b> tradução	39 ocorrências
estudos feministas <b>da</b> tradução	16 ocorrências
estudos <b>da</b> tradução feminista	9 ocorrências
estudos <b>de</b> tradução feminista	4 ocorrências

Fonte: A autora.

Apesar de ser uma variação sutil apenas denominativa e não conceitual (KILIAN, 2007), consideramos importante fornecer essa informação à/ao usuária/o de nosso glossário para que, novamente, ela/ele tome as decisões que considerar pertinentes estando ciente da variação terminológica que existe na área mesmo entre suas/seus especialistas.

Como não há espaço e necessidade, no momento, de traçar comentários sobre todos os termos incluídos no glossário, consideramos que já expusemos suficientemente os problemas e as soluções encontradas em nosso processo de construção desse produto terminográfico. Do mesmo modo, com a identificação de 122 termos a partir de um processo criterioso de seleção, consideramos ter alcançado nosso principal objetivo, apresentar um projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista. Dessa forma, apresentaremos a seguir nossas considerações finais.

<sup>18</sup> No original: “Las funciones de un producto terminográfico pueden ser: registrar la terminología de un área nueva para difundirla a un público específico [...]”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa e seu objetivo principal de identificar e extrair termos da Tradução Feminista só puderam ser realizados a partir da criteriosa seleção dos textos que conformaram nosso *corpus* de estudo, bem como sua posterior limpeza, catalogação e análise. A partir disso, foi possível observar que, de fato, a terminologia da Tradução Feminista reflete a interdisciplinaridade do campo, já que coloca em uso, ao mesmo tempo, termos relativos aos Estudos de Tradução e aos Estudos de Gênero (CAGNOLATI, 2022; CASTRO, 2017). Tal fato corrobora o que Bevilacqua e Kilian (no prelo) postulam: “[...] as terminologias podem ser multidisciplinares, isto é, podem conformar-se pela conjunção de saberes de diferentes âmbitos, e híbridas, ou seja, revelam diferentes perspectivas que constituem esses saberes [...]”.

Pontuamos também que, como afirmaram Krieger e Finatto (2004), a identificação de um repertório terminológico é extremamente complexa, pois é necessário analisar todos os aspectos de um candidato a termo: linguístico, semântico, pragmático, cognitivo, entre outros. Soma-se a isso a dificuldade de estabelecer critérios quando a área de especialidade pesquisada ainda está em construção (BEVILACQUA, 2016), como é o caso da Tradução Feminista, principalmente no Brasil (FONSECA; SILVA; SILVA-REIS, 2020; BATTISTAM, MARINS; KIMINAMI, 2021).

Esses desafios, porém, não são limitadores, e sim, pelo contrário, um estímulo a mais para que se pesquise e divulgue a terminologia da área de forma descritiva. Considerando as exposições e os argumentos que apresentamos até agora, acreditamos ter contribuído, ainda que de forma inicial, com esse desafio ao cumprir os objetivos principais desse trabalho: identificar, analisar e descrever alguns termos da Tradução Feminista em uso pelas/os especialistas da área no Brasil e propor um projeto piloto de glossário. Contudo, sabemos que ainda há bastante trabalho a ser feito nesse sentido, a começar por uma nova revisão dos termos selecionados e, claro, a expansão de nosso *corpus* e de nosso glossário. Como Bevilacqua afirmou,

Em todo o processo - como em todo processo de pesquisa independentemente da área e do tema - ocorrem avanços e retrocessos a partir dos que é preciso repensar decisões já tomadas e voltar a tomar novas decisões. Não é um caminho que se possa seguir direto, sem percalços, mas que pode apresentar surpresas e imprevistos, o que requer reflexão e criatividade para superá-los. No entanto, se não fosse desse modo, não seria uma pesquisa e não avançaríamos na produção de conhecimento e, no caso específico do tema aqui tratado, em conhecimentos relativos à Terminologia e à Terminografia

e às distintas áreas a partir das quais é possível elaborar produtos terminográficos. (BEVILACQUA, 2016, p.88, tradução nossa<sup>19</sup>)

Dessa forma, esperamos que nosso projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista sirva aos seus propósitos de ajudar a consolidar e a divulgar essa área de especialidade no Brasil e de auxiliar suas/seus usuárias/os e leitoras/es a encontrarem informações confiáveis e gratuitas sobre o tema. No futuro, pretendemos dar continuidade a essa pesquisa buscando os equivalentes de tais termos em línguas estrangeiras como o espanhol a fim de fortalecer as alianças transfronteiriças feministas (CASTRO; SPOTURNO, 2022) na América Latina e fornecer um glossário bilíngue da área para tradutoras/es de espanhol e português brasileiro.

Reforçamos que nosso *corpus* de estudo estará disponível gratuitamente a quem o solicitar, cumprindo o critério de reuso do *corpus* (ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006) e como forma de incentivar novas pesquisas sobre o tema e, conforme afirmado anteriormente, devolver à sociedade o recurso público investido em minha formação. Esperamos ainda que nossas contribuições sejam úteis para pesquisas futuras e inspirem mais trabalhos sobre a Tradução Feminista em nosso país, que possui uma dívida histórica com as mulheres filhas desta terra.

Por último, mas não menos importante, aproveitamos para enfatizar a importância da formação plural oferecida pela Universidade Pública e da Iniciação Científica (IC) como um de seus pilares. Não fosse pela minha experiência como bolsista de IC no grupo Termisul com a brilhante orientação daquela que também orientou esse TCC, esse trabalho não existiria. Dificilmente, sem os cursos de inverno gratuitos e à distância oferecidos pela Universidade de São Paulo, também não, já que foi em um desses que aprendi sobre Tradução Feminista pela primeira vez – e por uma feliz coincidência do destino, com a coorientadora deste trabalho como professora. Este TCC é apenas um dos frutos de toda a minha formação, e agradeço mais uma vez a todas, todos e *todes* que fizeram parte dela.

---

<sup>19</sup> No original: “En todo el proceso - como en todo proceso de investigación independientemente del área y del tema - ocurren avances y retrocesos a partir de los que hay que repensar decisiones ya tomadas y volver a tomar nuevas decisiones. No es un camino que se pueda seguir derecho, sin percances, sino que puede presentar sorpresas e imprevistos, lo que requiere reflexión y creatividad para superarlos. Sin embargo, si no fuera de ese modo, no sería una investigación y no avanzaríamos en la producción de conocimientos y, en el caso específico del tema aquí tratado, en conocimientos relativos a la Terminología, a la Terminografía y a las distintas áreas a partir de las que es posible elaborar productos terminográficos”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística. **Calidoscópico**, v.4, n.3, 156-178, 2006. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6002/3178>>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- ANTHONY, Laurence. **ANTCONC HOMEPAGE [2022?]**. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 02 set. 2022.
- AUBERT, Francis Henrik. **Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilingüe**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BATTISTAM, Laura Pinhata; MARINS, Liliam Cristina; KIMINAMI, Aline Yuri. Tradução como resistência e ativismo: práticas de Tradução Feminista no Brasil. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-17, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/36230>>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de Corpus: Histórico e problemática. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 16, n. 2, p.323-367, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/vGknQkZQGsgYbrQfKmtZY4s/?lang=pt>>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. **Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2004.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; KILIAN, Cristiane Krause. Quando a Teoria e a Prática se Encontram. In: **Manual de Terminografia**. BEVILACQUA, Cleci *et al.* (orgs.). Porto Alegre: Editora Zouk, no prelo.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; SALES, Denise; SILVA, Márcia Moura. A Ficha Terminológica. In: **Manual de Terminografia**. BEVILACQUA, Cleci *et al.* (orgs.). Porto Alegre: Editora Zouk, no prelo.
- BEVILACQUA, Cleci Regina *et al.* Combinatórias Léxicas Especializadas da Linguagem Legislativa: uma abordagem orientada pelo *corpus*. In: MURAKAWA, Clotilde; NADIN, Odair Luiz. (eds.). **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p.227-243, 2013.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. Investigación sistemática en terminología. In: **Teoría y Práxis en Terminología**. CATALÁ, Sara Álvarez; BARITÉ, Mario (orgs.). Montevideo: Universidad de la República, 2016.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; ARCOS, Manuela Machado. A restrição combinatória e a multidimensionalidade do núcleo eventivo em unidades fraseológicas especializadas. **Revista**

**Tradterm**, v. 37, n. 1, p. 294-329, 2021. Disponível em:  
<<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/167882>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

BORGES, Marlise Fernandes. **Identificação de sintagmas terminológicos em geociências**. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Porto Alegre: UFRGS. 1998. Disponível em:  
<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202151/001103368.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CABRÉ, María Teresa. **Terminología: representación y comunicación**. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Linguística Aplicada, 1999.

CAGNOLATI, Beatriz. Estudos de Tradução: Explorando uma Perspectiva Feminista da Tradução. Tradução de Alexia Gonçalves Pokorski, Ana Letícia Prado de Campos, Cláudia Xavier Faria, Iago Marques Barragan e Stéphanie Oviedo Ferreira. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 47, 2022. Disponível em:  
<<https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4505>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? **Revista TradTerm**, São Paulo, v. 29, 2017, p. 216-250. Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. Disponível em:  
<<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura. Feminismos e Tradução: Apontamentos Conceituais e Metodológicos para os Estudos Feministas Transnacionais da Tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, p. 01-59, 2022. Tradução de Maria Barbara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/81122>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 1227-1247, 2019. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2331/1851>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FLOTOW, Luise Von. O Feminismo na Tradução. Tradução de Gilmar José Taufer. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 47, 2022. Disponível em:  
<<https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4505>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FLOTOW, Luise Von. **Translation and Gender: Translating in the “Era of Feminism”**. Ottawa: University of Ottawa Press, 1997.

FONSECA, Luciana Carvalho; SILVA, Liliam Ramos; SILVA-REIS, Dennys. Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. **Mutatis Mutandis Revista Latinoamericana De Traducción**, v. 13, n. 2, p. 210–227, 2020. Disponível em:  
<<https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/343437>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FUNDAÇÃO PORTUGUESA DE CARDIOLOGIA. *Cardiologia de A a Z*. In: Atlas da Saúde, 2014. Disponível em: < <https://www.atlasdasaude.pt/publico/content/cardiologia-de-z>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

GONÇALVES, Alexia Pokorski; BARRAGAN, Iago Marques; CARPINEJAR, Mariana. Conservación de bienes culturales muebles en papel: la equivalencia de Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs) en portugués y español. In: XVII SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA, 2021, on-line.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología**: Introducción a la Traductología. Madrid: Ediciones Cátedra, 4ª edición, 2008.

KILIAN, Cristiane Krause. **A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica**. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. 2007.

KRIEGER, Maria da Graça. O termo: questionamentos e configurações. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (orgs.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, p. 62-81, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia em contextos integradores: funcionalidade e fundamentos. **Revista Organon**, v. 12, n. 26, 1998, p. 19-30.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologias em construção: procedimentos metodológicos. In: VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses). Gramado, 2005. **Anais ...** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/termisul/files/file112160.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José B. **Introdução à Terminologia**: Teoria & Prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker; BEVILACQUA, Cleci Regina. Relações semânticas de um dicionário ambiental. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (orgs.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, p. 252-258, 2001.

LÁCIO-WEB. **Página principal [2022?]**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://143.107.183.175:22180/lacioweb/index.htm>>. Acesso em: 02 set. 2022.

LOGUERCIO, Sandra Dias; ARCOS, Manuela Machado. Seleção de Unidades Terminológicas: Estratégias de Extração e Princípios de Identificação. In: **Manual de Terminografia**. BEVILACQUA, Cleci *et al.* (orgs.). Porto Alegre: Editora Zouk, no prelo.

MACIEL, Anna Maria Becker. Reflexão sobre a pesquisa terminológica em corpus. In: XXI ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, São Paulo. Domínios do Saber: História, Instituições, Práticas, 2006. Disponível em: <[https://silo.tips/queue/xxi-encontro-nacional-da-anpoll-associaao-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em?&queue\\_id=1&v=1654593928&u=MmEwMT0YjAwOjg0NGQ6YWIwMD05YzM3OmVIZjplNzIxMmE3ZmM=](https://silo.tips/queue/xxi-encontro-nacional-da-anpoll-associaao-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em?&queue_id=1&v=1654593928&u=MmEwMT0YjAwOjg0NGQ6YWIwMD05YzM3OmVIZjplNzIxMmE3ZmM=)>. Acesso em: 07 jun. 2022.

SILVA, Ítalo Batista; TAVARES, Otávio Augusto de Oliveira. Uma Pedagogia Multidisciplinar, Interdisciplinar Ou Transdisciplinar Para O Ensino/Aprendizagem Da Física. **HOLOS**, v. 1, 2005, p. 4-12.

SILVA, Luciana de Mesquita. Feminismo negro estadunidense e sua (in)visibilidade no cenário brasileiro: questões de tradução. **Revista Àrtemis**, v. 27, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/46706>>. Acesso em: 10 set. 2022.

SILVA, Márcia Moura; ARCOS, Manuela Machado. Constituição de *Corpora*: Critérios de Coleta, Limpeza e Organização. In: **Manual de Terminografia**. BEVILACQUA, Cleci *et al.* (orgs.). Porto Alegre: Editora Zouk, no prelo.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation**. Londres: Routledge, 1996.

TAGNIN, Stella E. O. Glossário de linguística de corpus. In: **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: HUB Editorial, 2011. p. 357-361. Disponível em: <[http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5\\_glossario/glossario\\_423.pdf](http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2022.

WAQUIL, Marina Leivas. Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 3, p. 01-22, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/33133>> . Acesso em: 12 jul. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Catálogo do *Corpus T*<sup>20</sup>

Catálogo de Textos do Corpus T				
Código	Autor(a)s e Autor(es)	Tradutor(a)s e Tradutor(es)	Título	URL
Tpt001	Luciana Carvalho Fonseca	x	Revisitando metáforas de gênero na tradução: um olhar decolonial	<a href="https://www.academia.edu/2984269/Revisitando_metasforas_de_genero_na_traducao_mec%27C3%A9A%27C3%A9A_um_olhar_decolonial">https://www.academia.edu/2984269/Revisitando_metasforas_de_genero_na_traducao_mec%27C3%A9A%27C3%A9A_um_olhar_decolonial</a>
Tpt002	Luciana Carvalho Fonseca, Lilliam Ramos e Denny Silva-Reis	x	Apostamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina	<a href="https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22392/1/001127500_01.pdf?sequence=3">https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22392/1/001127500_01.pdf?sequence=3</a>
Tpt003	Naylane Araújo MATOS et al	x	ESTUDOS FEMINISTAS DE TRADUÇÃO: UM RECORTE DE PESQUISAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO (PGET-UFG)	<a href="https://periodicos.urbr.br/index.php/belantica/article/view/15266/10914">https://periodicos.urbr.br/index.php/belantica/article/view/15266/10914</a>
Tpt004	Marie France Dépeche	x	As traduções subversivas feministas ontem e hoje. Traduções de História	<a href="https://www.dccilly.com/btlas/traducoes-subversivas-feministas-ontem-e-hoje/4754772/">https://www.dccilly.com/btlas/traducoes-subversivas-feministas-ontem-e-hoje/4754772/</a>
Tpt005	Neiva de Aquino Albres	x	"International women day" de Angela Eiko Okumura: tradução comentada de uma poesia política e feminista	<a href="https://revistas.ufg.br/siar/article/view/62929/36899">https://revistas.ufg.br/siar/article/view/62929/36899</a>
Tpt006	Claudia de Lima Costa	x	A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução	<a href="https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt</a>
Tpt007	Rosvitha Friesen Blume	x	Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/25556/24908">https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/25556/24908</a>
Tpt008	Ana Moura Schäffer	x	A tradução de gênero entre fal(t)as e excessos no imaginário de tradutoras brasileiras	<a href="https://revistas.ufu.br/index.php/interseccao/article/view/1230">https://revistas.ufu.br/index.php/interseccao/article/view/1230</a>
Tpt009	Carolina de Mello Guimarães	x	A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM DUAS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DE A VEGETARIANA, DE HAN KANG	<a href="https://www.revistas.usp.br/crcaocritica/article/view/171700/165060">https://www.revistas.usp.br/crcaocritica/article/view/171700/165060</a>
Tpt010	Maria Barbara Florez Valdez	x	FEMINISTA (E) INTERSEMIÓTICA: APROXIMANDO TEORIAS DA TRADUÇÃO	<a href="https://www.revistas.usp.br/crcaocritica/article/view/171700/165060">https://www.revistas.usp.br/crcaocritica/article/view/171700/165060</a>
Tpt011	Sonia E Alvarez	x	Construindo uma política feminista translocal da tradução	<a href="https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt</a>
Tpt012	Lilian Virginia Porto et al	x	GÊNERO E TRADUÇÃO: A ESCRITORA QUEBEQUENSE ANNE HÉBERT EM FOCO	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/21716/7968_2014_v1n36s1/21499">https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/21716/7968_2014_v1n36s1/21499</a>
Tpt013	Pâmela Berton Costa et al	x	Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje	<a href="https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2331">https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2331</a>
Tpt014	Barbara Godard	Marilia Scalf	Anjos/Ângulos: Da Tarefa Angelical ao Traduzir da Mulher	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/letra/article/view/17764">https://periodicos.ufmg.br/index.php/letra/article/view/17764</a>
Tpt015	Raquel Dotta Corrêa e Rosvitha Friesen Blume	x	PREFÁCIO DE TRADUÇÃO OU MANIFESTO FEMINISTA?	<a href="https://peer.ufjf.br/index.php/interseccao/article/view/1176/1014">https://peer.ufjf.br/index.php/interseccao/article/view/1176/1014</a>
Tpt016	Beatriz Guimarães	x	TRADUZINDO THE AWFUL ROWING TOWARD GOD, DE ANNE SEXTON, PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS FEMINISTAS DE TRADUÇÃO	<a href="https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt</a>
Tpt017	SIMONE PEREIRA SCHMIDT	x	A SEÇÃO DEBATES EM REVISTA: PRÁTICAS FEMINISTAS DE TRADUÇÃO	<a href="https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/rla/2019v37n1/SP19v37n1H0vClmQv2?format=pdf&amp;lang=pt</a>
Tpt018	Cecilia Rosas, Shisleni de Oliveira Macedo, Juliana Bittencourt, Leila Giovana Izidoro	x	Conjurando traduções: a tradução coletiva de Caliban and the Witch ao português brasileiro como estratégia feminista transnacional	<a href="https://www.capes.gov.br/primeiro-explorar/fulltext?docId=1N_c01_dialnet_primary_c01_dialnet_unifcga_es_A610001374733&amp;context=PC&amp;view=CA&amp;view=CA">https://www.capes.gov.br/primeiro-explorar/fulltext?docId=1N_c01_dialnet_primary_c01_dialnet_unifcga_es_A610001374733&amp;context=PC&amp;view=CA&amp;view=CA</a>
Tpt019	Laura Pinhata Battistam, Lilliam Cristina Manns	x	MULHERES E(M) SILENCIAMENTO: DESNATURALIZANDO SUPRESSÕES DA ESCRITA POÉTICA DE LOLA RIDGE	<a href="https://www.e-publicacoes.ufrj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/93743">https://www.e-publicacoes.ufrj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/93743</a>
Tpt020	Silene Moreno e Paulo Oliveira	x	Da servilidade da tradução subversiva: servir a quem, por quê?	<a href="https://periodicos.fccj.ufmg.br/rla/article/view/4283">https://periodicos.fccj.ufmg.br/rla/article/view/4283</a>
Tpt021	Maria Barbara Florez Valdez	x	O lugar da puta e o que a tradução feminista tem a ver com isso	<a href="https://revistas.ufrpe.br/eco_pos/article/view/27772">https://revistas.ufrpe.br/eco_pos/article/view/27772</a>
Tpt022	Ana Maria de Moura Schäffer	x	Sobre tradução feminista (ou de gênero?) no Brasil: algumas considerações	<a href="https://revista.pgsaskron.com/index.php/traduccon/article/view/1927">https://revista.pgsaskron.com/index.php/traduccon/article/view/1927</a>
Tpt023	Françoise Massardier-Kenny	Emanuela Carla Siqueira e Marcela Lanius	CAMINHOS PARA UMA REDEFINIÇÃO DA PRÁTICA FEMINISTA DE TRADUÇÃO	<a href="https://revistas.ufpr.br/revista/article/view/84381">https://revistas.ufpr.br/revista/article/view/84381</a>
Tpt024	Beatriz Gregório dos Santos et al	x	A LUTA FEMINISTA NA PELA LINGUAGEM: APOSTAMENTOS PARA UMA TRADUÇÃO DE LIVES OF GIRLS AND WOMEN	<a href="https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34233/34233.PDF">https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34233/34233.PDF</a>
Tpt025	Penélope Serafina Chaves Bruera	x	UMA LEITURA DAS TRADUÇÕES CUBANA E ARGENTINA DE QUARTO DE DESPEJO SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA FEMINISTA DECOLONIAL DE TRADUÇÃO	<a href="https://saber.ufrpe.br/index.php/rlm/article/view/28080/20221">https://saber.ufrpe.br/index.php/rlm/article/view/28080/20221</a>

<sup>20</sup> Para poder acessar os *links*, dê dois cliques no objeto (você será redirecionada/o para o Google Drive):







## APÊNDICE B – PROJETO PILOTO DE GLOSSÁRIO DE TERMOS ESSENCIAIS DA TRADUÇÃO FEMINISTA

Para acessar o glossário completo, clique no objeto (você será redirecionada/o para o  
Google Drive):

